



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

MANCHETES, TÍTULOS E SUAS FORMAS DE
EXPRESSÃO:
UMA PESQUISA HISTÓRICA PELOS UIVOS IMPRESSOS,
IDIOTAS DA OBJETIVIDADE E OUTROS MODOS DE VER

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social- Jornalismo.

DIOGO DA SILVA CUNHA

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa

Rio de Janeiro
2010

CUNHA, Diogo da Silva. **Manchetes, títulos e suas formas de expressão: uma pesquisa histórica pelos uivos impressos, idiotas da objetividade e outros modos de ver.** Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Considerando o título um elemento de suma importância na história da imprensa diária, o trabalho analisa as diferentes formas de enunciação dos títulos e manchetes em jornais cariocas das décadas de 20 e 50. Os jornais analisados são *Correio da Manhã* e *Crítica*, na década de 20 e *Diário Carioca* e *Última Hora*, na década de 50. É feita uma análise específica nos títulos do gênero de *Fait-Divers*, por ser este fortemente presente nos jornais pesquisados, com seus títulos apresentando características peculiares, além de ter uma relação íntima com o sensacionalismo, que tem no título o substrato ideal para se expressar. Procura-se saber as diferenças de enunciação nos títulos das duas décadas e entre os jornais das mesmas décadas, tendo como referência o fato de o jornalismo impresso ter sofrido grandes transformações no início da década de 50, de modo que se busca saber as implicações dessas transformações nos títulos.

FICHA CATALOGRÁFICA

CUNHA, Diogo da Silva.

Manchetes, títulos e suas formas de expressão: uma pesquisa histórica pelos
uivos impressos, idiotas da objetividade e outros modos de ver. Rio de Janeiro,
2010.

Monografia(Graduação em Comunicação Social-Jornalismo)-
Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, Escola de Comunicação- ECO.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO

2- IDENTIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS ANALISADAS

2.1- A consagrada função do título no jornal

2.2- O *Fait-Divers* como gênero indispensável no jornal

3- ANOS 20

3.1- O *Correio da Manhã*

3.2- Os títulos no *Correio da Manhã*

3.3- *Crítica*

3.4- Os títulos em *Crítica*

3.5- Os títulos nos *Faits-Divers* em *Crítica* e *Correio da Manhã*

4- ANOS 50

4.1- O *Diário Carioca*

4.2- Os títulos no *Diário Carioca*

4.3- *Última Hora*

4.4- Os títulos em *Última Hora*

4.5- Os títulos nos *Faits-Divers* em *Última Hora* e *Diário Carioca*

5- A SOBREVIVÊNCIA DO *FAIT-DIVERS* NO JORNALISMO DO SÉCULO XXI: O CASO DO *MEIA-HORA*

6- CONCLUSÃO

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agradecimentos:

À minha família, em especial a meus pais

Aqueles que existiram positivamente em mim

À minha orientadora Cristiane

À certa força interior não palpável

1- Introdução

“Escandindo bem as sílabas das palavras do título e modulando a voz ao lê-las, para indicar o efeito desejado, Flávio recolhia assim uma amostra prévia da reação que a manchete ou os títulos poderiam provocar”¹. A descrição acima, contida num depoimento do jornalista Maurício Azêdo presente no livro *A Última Hora de Samuel: Nos tempos de Wainer*, se refere ao hábito do jornalista Flávio Brito de recitar as manchetes e títulos na redação do jornal *Última Hora*. Flávio, um reconhecido “mancheteiro” do jornal de Samuel Wainer, autor de célebres manchetes, como “Caiu a ditadura lá no Vietnã do Sul” e “Nem JK/Nem CL/Nem 65”, ambas críticas mordentes ao governo militar brasileiro, demonstrava nessa atitude o perfeito conhecimento da importância do título para o jornal.

Não é preciso gastar laudas para provar que as manchetes são as grandes responsáveis pela venda dos jornais nas bancas. Em corpo tipográfico maior que o dos textos das matérias, elas têm a função primordial de anunciar as notícias. Dispostos nas bancas a atenção do cidadão comum, os jornais estabelecem através das manchetes sua primeira comunicação com o leitor, imprimindo nelas sua marca. Desta forma, a manchete se torna em muitos casos um aspecto de identificação imediata de um jornal -sobretudo nos jornais sensacionalistas- quase como seu logotipo.

Garantida a venda da edição, as manchetes e, principalmente, os títulos internos, se tornam responsáveis pela leitura das matérias. Um título confuso ou inexpressivo não é nada convidativo para se ler o texto. Deve estar claro, em primeiro plano, este caráter anunciante das manchetes e títulos, útil tanto para a venda do jornal como para a leitura das matérias.

Para aqueles que se limitam a comprar o jornal e ler apenas os títulos, que não são poucos; ou ainda aqueles que nem chegam a comprar a edição, lendo apenas as manchetes, mais numerosos ainda e cada vez mais no mundo contemporâneo em que as mídias digitais ocupam o tempo antes destinado ao papel, as manchetes e títulos são a sua completa fonte de informação proveniente do jornal. Aqui, deve-se destacar o caráter informativo dos títulos.

Se para o verdadeiro leitor do jornal os títulos contêm boa parte daquilo que ele lembra e interpreta do fato noticiado, interpretação esta que pode ser a mesma que o jornal faz ou diversa, criticamente em relação a publicação; para o leitor dos títulos e manchetes, ele só lembrará do fato aquilo que está neles, e que muitas vezes tem um componente subjetivo desdobrado da informação contida no texto. Também cabe a este leitor interpretar o título criticamente ou de acordo com a intenção ou linha editorial do jornal, mas é fato que em regra

¹ AZÊDO, M., In: *A Última Hora de Samuel: Nos tempos de Wainer*, 1993, 142.

ele terá menos elementos para fazer uma análise crítica do título, até porque em geral ele não está tão interessado no assunto e a par do contexto quanto o leitor das matérias. Deve-se, então, realçar a grande responsabilidade de quem faz um título.

Essas considerações, em que destacamos as duas grandes funções das manchetes e títulos (anunciar e informar), a serem melhor expostas no capítulo 2, ressaltam, se ainda não percebida ou pelo menos não realçada, a grande importância e relevância deste elemento (podemos considerá-los como o mesmo elemento dentro de uma estrutura gráfico-semântica do jornal, sendo que manchetes são os títulos de 1ª página) no jornalismo impresso. Desta forma, vemos como primordial na análise de qualquer jornal, a análise de seus títulos, nunca devendo estes ser relegados a segundo plano. Mais ainda, enxergamos a necessidade de uma análise específica deste elemento. No presente trabalho, a análise se faz com base em uma pesquisa histórica, abordando as diferentes formas de enunciação de manchetes e títulos em jornais de diferentes épocas. Também os antetítulos e subtítulos serão analisados neste trabalho, vistos como complementares aos títulos e pertencentes a esta mesma estrutura gráfico-semântica.

Foram escolhidos para a pesquisa importantes jornais cariocas da década de 1920: *Correio da Manhã* e *Crítica*, e da década de 1950: *Diário Carioca* e *Última Hora*; por serem bastante representativos do jornalismo de suas respectivas épocas e por terem, dentro delas, a princípio, características antagônicas, como por exemplo, uma inclinação maior e menor ao sensacionalismo. Foram pesquisadas também edições do jornal *Meia-Hora* em 2010, para uma abordagem específica dos títulos de *fait-divers*.

A escolha dessas duas décadas visa entender o papel do título em duas épocas separadas por uma grande transformação no modo de se fazer jornalismo. A revolução na imprensa na década de 50, com a introdução da concepção de jornalismo trazida dos Estados Unidos, baseada num paradigma de objetividade, criou um abismo entre o jornalismo que se fazia, por exemplo, nos anos 20, e o praticado a partir da década de 50. Esta foi a grande revolução no jornalismo impresso, de modo que esta concepção continua ditando o modo de se fazer jornalismo atualmente. Por isso aqui se considera fundamental a análise dos títulos antes e depois, logo depois, desta mudança. Procurar-se-á saber que alterações sofreram os títulos neste contexto, e se estas foram substanciais, uma vez que os textos, como é de conhecimento geral, foram transformados completamente com a “pirâmide invertida” e o *lead*. A prova dessa busca é o fato de um dos jornais pesquisados, o *Diário Carioca*, ser justamente o que introduziu essas mudanças na imprensa brasileira.

O projeto se estrutura a partir desta pesquisa, intentado estabelecer uma análise comparativa entre os jornais e épocas, salientando os aspectos mais marcantes dos títulos nos jornais pesquisados. Não pretende ser uma análise de discurso, embora se apoie em algumas referências neste campo de estudo; intenta antes, como projeto monográfico, constituir-se numa análise mais despojada e livre, respeitando obviamente os rigores inerentes a um projeto acadêmico. Cabe ressaltar também que, por ser fortemente calcada em exemplos, esta análise será baseada na descrição das características dos títulos, tendo o texto um caráter mais descritivo que analítico. Outro aspecto fundamental a se ressaltar é que o projeto se concentrará mais na forma(de enunciação) dos títulos, uma vez que o que move este trabalho é o interesse pela arte de expressão dos títulos, bastante diversa do texto, e as sutis e bruscas diferenças entre as expressões dos títulos de épocas e publicações diferentes. Não esquecerá, no entanto, de pontuar os conteúdos retratados neles. Contudo, isto não é uma análise de discurso, ou pelo menos não intenta ser uma análise profunda nesse aspecto. Trata-se de um trabalho despretensioso na medida do possível, e que se pretende arejado.

No capítulo 2 tentar-se-á mostrar as funções atribuídas ao título no jornalismo atual, funções estas já estabelecidas, basicamente, desde a década de 50. Este capítulo será fortemente embasado pelas referências bibliográficas encontradas, que contêm um conceito de título decorrente da concepção moderna de jornalismo. Inicialmente, ele será mais um exercício de ressaltar ainda mais a importância do título. Para se tentar entender um pouco o papel do título anteriormente à década de 50, uma vez que a pesquisa inclui jornais dos anos 20, se apresentará um breve histórico das transformações nos títulos desde o seu surgimento na imprensa até a sua consolidação no início do século XX.

É intenção deste projeto analisar especialmente os títulos do gênero *fait-divers*, amplamente presente nos jornais pesquisados. Por se constituir ao mesmo tempo numa categoria marcante e um gênero a parte no jornalismo, tendo uma história peculiar, herdada do folhetim, e pela característica também peculiar de seus títulos, o *fait-divers* requer uma análise específica. Neste capítulo, se apresentará as suas origens e a sua relação com a imprensa sensacionalista.

O capítulo 3 é destinado à análise dos títulos nos jornais da década de 20. Os jornais serão tratados separadamente, com exceção da análise dos títulos de *fait-divers*, a ser feita no fim do capítulo. Antes de se entrar propriamente na análise dos títulos, será feita uma breve introdução sobre as publicações, antes ainda, uma brevíssima contextualização da política e imprensa no Brasil da época. Serão analisados títulos das edições do *Correio da Manhã* de 1 a 10 de maio de 1929 e de *Crítica* de 1 a 15 de maio do mesmo ano. O ano foi escolhido

aleatoriamente; já o mês, que se repete nas outras pesquisas, foi definido por ser o de início da pesquisa. A pesquisa em *Crítica* se estende por mais cinco edições para aproveitar as deliciosas páginas policiais. Quanto aos jornais, estes não poderiam ser escolhidos aleatoriamente: o primeiro representa a grande imprensa da época, o jornal mais importante da República Velha, o segundo, efêmero, mas muito importante para a imprensa, pois encarna um jornalismo extremamente agressivo e sensacionalista, que se distingue frente os outros jornais da época e abre espaço para uma imprensa popular. Aparentemente opostos, veremos como suas diferenças e semelhanças transparecem nos títulos.

Serão transcritos integralmente os títulos comentados com a devida identificação das edições as quais pertencem e das localizações nas respectivas edições. O trabalho não se limitará quanto à reprodução dos exemplos encontrados; ao contrário, considera eles mais que qualquer conclusão, os grandes componentes do projeto. Se este tem algum mérito, ele reside na pesquisa.

Com estrutura idêntica ao capítulo anterior, o quarto capítulo analisa os títulos no *Diário Carioca* e em *Última Hora* nos anos 50. Mais uma vez é feita uma ligeira contextualização do período e uma breve descrição dos jornais em questão. O *Diário Carioca* é escolhido por seu reconhecido papel inovador na imprensa e por ser um representante da imprensa destinada à elite, enquanto o *Última Hora* se destaca pelo enorme sucesso comercial, representando uma imprensa popular que consegue penetrar nas classes mais abastadas, trazendo também uma variedade de inovações para o jornalismo. Busca-se, aqui, novamente, opor um jornal mais popular, e o *Última Hora* é genuinamente popular, a um jornal elitizado. Esta oposição busca encontrar diferenças substanciais nos títulos dos jornais, uma vez que é neles que o jornal imprime sua marca, sobretudo os jornais populares. Também eles se constituem no lugar ideal de expressão do sensacionalismo, prática esta atribuída aos jornais populares. Veremos se o sensacionalismo se limita a este tipo de jornal. Se também se pratica nos jornais de elite, é nos títulos que deve aparecer.

Os títulos foram recolhidos entre as edições de 1 a 10 de maio de 1953 do *Diário Carioca* e de 2 a 9 de maio de *Última Hora*. Também aqui o ano foi escolhido aleatoriamente. As diferenças entre os dias das edições decorre da diferença entre os dias em que os jornais não circularam. Por exemplo, o *Última Hora* não circulou no feriado de 1º de maio nem no dia 10 de maio, um domingo. Já o *Diário Carioca* não circulou no dia 2, seguinte ao feriado, nem no dia 4 de maio, uma segunda-feira. Seguindo a estrutura do capítulo 3, o último subcapítulo tratará dos títulos dos *faits-divers* nos dois jornais.

Damos no capítulo 5 um salto temporal. Nele se analisará os títulos de *fait-divers* do jornal popular carioca *Meia-Hora*, criado em 2005 e responsável pela revitalização do jornalismo popular na imprensa carioca, cujas manchetes noticiam em sua maioria fatos que são enquadrados neste gênero. Como os títulos no jornalismo popular são ainda mais relevantes, tendo um caráter fortemente sensacionalista, sendo este considerado o mais interessante na pesquisa feita nos jornais, que também constata peculiaridades nos títulos de *fait-divers* não necessariamente ligadas ao sensacionalismo, é intenção deste trabalho verificar como os títulos de *fait-divers* atuais se manifestam, se o sensacionalismo neles é mais ou menos evidente que nos outros jornais pesquisados. Para isso, nada melhor do que analisar os títulos do irreverente *Meia-Hora*, que inaugurou uma nova onda de jornalismo popular no Rio de Janeiro.

Na pesquisa se encontram as edições do jornal do mês de maio de 2010. Aqui se comparará os títulos desta publicação aos antigos títulos de *fait-divers*, buscando saber o quanto destes ainda resta nos *faits-divers* dessa nova imprensa popular, mas, principalmente, buscando ressaltar as novas maneiras de expressão dos títulos neste jornal. Este capítulo é concebido quase como um apêndice, um “algo a mais”, que talvez mais abra novas perspectivas para trabalhos futuros do que encerre competentemente este aqui.

2- Identificação das categorias analisadas

O presente projeto se estrutura a partir da identificação da importância do título como categoria especial no jornalismo impresso. Para isso, primeiramente, faz-se necessário definir a função atribuída a essa categoria no jornal e o processo histórico de sua consolidação. A outra face do trabalho, se é que assim podemos considerar, busca caracterizar o papel do título numa categoria também especial do jornal: o *fait-divers*; especificada por ser um elemento semântico a parte no jornal e por se considerar que o título nela assume importantes e peculiares características. Também aqui, busca-se antes definir e historicizar esta categoria.

2.1- A consagrada função do título no jornal

No jornalismo moderno, assim considerado aquele posterior às inovações introduzidas nos anos 50, há um consenso sobre a importância e o papel do título em um jornal diário. Entre as referências encontradas nesta pesquisa, o conceito do que deve ser o título converge, de modo geral, para as mesmas características. Basicamente, destaca-se a necessidade de ele ser claro, objetivo, de resumir a notícia e ser atraente ao leitor, de modo a convencê-lo a ler a matéria, ou, pelo menos, a comprar o jornal. Este último papel se atribui, especificamente, às manchetes: os títulos da capa do jornal.

Neste sentido, Luiz Amaral, em *Jornalismo Matéria de 1ª Página*, destaca no título a finalidade de “anunciar a notícia, de forma clara, objetiva e atraente, e ‘vendê-la’ ao público”². Em *Técnica de Jornal e Periódico*, o mesmo autor destaca ainda a capacidade de resumir a notícia, devendo conter a “ideia central”, “a mais jornalística possível do assunto que ele assinala”, para isso devendo utilizar “palavras curtas, usuais, colocadas em estilo correto”³. Juarez Bahia, em *Jornal História e Técnica*, é mais completo na descrição das funções do título. Assim as descreve:

extrair do texto toda a sua essência, interesse, objetividade, atualidade, novidade; transmitir o impacto da notícia; reunir concisamente o conteúdo da notícia; informar, sintetizando e valorizando a notícia. Eis algo do que deve conter o título como o compreendemos no jornalismo moderno.⁴

² AMARAL, L., 1986, 54.

³ Idem, 1990, 86, 87.

⁴ BAHIA, J., 1974, 160.

Esta busca resulta no caráter “apelativo” que Amaral também identifica no título⁵. Joaquim Douglas, mais didático e esclarecedor, destaca em *Jornalismo: a técnica do título*, obra inteiramente dedicada a função e técnica do título no jornalismo impresso, quatro funções distintas no título: anunciar a notícia, resumir seu conteúdo, indicar a importância relativa da informação e conferir aspecto atraente a página do jornal⁶. Como anunciante da notícia, o título não deve ser inexpressivo, nem confuso; como resumo dela deve dar ao leitor perfeita ideia do acontecimento apenas por sua leitura. A importância relativa está relacionada aos diferentes tamanhos dos tipos empregados nos diversos títulos e a sua localização nas páginas, que permitem a distinção da relevância entre mais de uma notícia; por fim, ao estarem bem distribuídos, “os títulos dão equilíbrio, simetria e beleza às páginas”, tornando-as atraentes⁷.

Os conceitos de títulos aqui relatados permanecem atuais. Pertencem todos a uma concepção moderna do jornalismo, a ser pormenorizada no capítulo 4, inspirada na objetividade do modelo norte-americano, responsável pela introdução das instituições do *lead* e do *copydesk* na imprensa brasileira a partir dos anos 50. O *copydesk* é o redator que devia zelar pelo texto objetivo e conciso, cujo início devia conter um parágrafo(*lead*) com as informações mais relevantes da notícia, respondendo às perguntas básicas sobre o fato: Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê?. Nesta concepção está inserida a ideia geral aqui apresentada sobre o papel do título, que ressalta principalmente a necessidade de este ser claro, objetivo e sintético. Estas são também as exigências para o próprio texto a partir de então, especialmente para o *lead*. Segundo Douglas, o título adota em grau mais enfático o mesmo processo da feitura do *lead*:

Enquanto o *lead* fala por meio de orações e períodos, livremente organizados, o título expressa-se com limitado número de palavras acuradamente escolhidas para delas se extrair o máximo efeito. Neste sentido o título é, portanto, um **super-lead**, a condensação do *lead*.⁸

Cabe destacar aqui a relação entre título e *lead*. Comassetto, em *As razões do título e do lead: uma abordagem da estrutura da notícia*, valendo-se dos conceitos do linguista holandês Van Dijk, aponta para a similaridade entre os dois elementos. Baseado na identificação no discurso noticioso do jornalismo impresso diário de uma estrutura esquemática global (superestrutura) e de uma estrutura semântica global (macroestrutura), o

⁵ AMARAL, L., 1990, 86.

⁶ DOUGLAS, J., 1966, 24.

⁷ Ibidem, 27.

⁸ Ibidem, 16.

autor identifica nas duas estruturas, como elementos mais relevantes, tanto pelo uso consagrado nesse discurso quanto por trazerem as informações mais importantes da notícia, justamente o título e o *lead*. Neles, ressalta, ocorre “o vínculo mais óbvio entre ambas as estruturas”⁹. Comassetto destaca que o título e o *lead*, por fornecerem as informações mais importantes da notícia, a que são relacionadas no processo de leitura todas as informações secundárias do texto, representam o nível mais elevado da “macroestruturura”.

O autor ressalta que o processo cognitivo do leitor se inicia no título, localizado em nível ainda mais elevado do que o *lead*, tanto na macroestrutura, por ter a informação mais importante, quanto na superestrutura, por estar em tipo maior, acima do texto. No entanto, no processo de confecção da notícia, o título depende do *lead*, devendo expressar a informação principal contida nele. “Daí dizermos que a coerência do texto jornalístico - embora, na ótica do leitor, seja buscada a partir do título - começa, na verdade, no *lead*, que é de onde o título sairá”¹⁰. Burnett, no artigo “Quem tem medo do ‘sublead’?”, ressalta a importância do título para o leitor e do *lead* para o título:

Mais importante que o *lead*, do ponto de vista do consumidor, só o título. Sem um título atraente o leitor não chega sequer ao *lead*. A notícia, como os homens, vale pelos títulos. Daí a necessidade de saber montar o *lead* exato, de modo a permitir o título atraente.¹¹

Como o *lead* só foi introduzido na década de 50, deve-se perguntar em que o título se baseava anteriormente. Aqui, devemos recuar até os primórdios dos títulos no jornal.

Até a segunda metade do século XIX nos Estados Unidos e o início do século XX no Brasil, os títulos diferiam bastante de sua configuração atual, sendo meramente indicadores dos assuntos tratados nos textos. José Marques de Melo em *A opinião no jornalismo brasileiro*, afirma que então eles se constituíam em “títulos-fixos ou rubricas”, que indicavam aos leitores pequenas diferenças temáticas entre os textos publicados; ou então “títulos-assuntos”, que encabeçavam as matérias nitidamente opinativas¹². Douglas apresenta uma outra denominação para os primitivos títulos:

Antes da segunda metade do século 19, os títulos eram simples rótulos, com declaração genérica e indefinida, pouca ou nenhuma

⁹ COMASSETTO, L. R., 2003, 42, 44, 46, 47.

¹⁰ Ibidem, 54.

¹¹ BURNETT, L., 1976, 37.

¹² MELO, J. M., 1985, 67.

informação sobre a notícia. Esses títulos-rótulo eram usualmente impressos em tipos não muito maiores do que os do texto.¹³

Quando se tornam mais numerosos nos jornais americanos, por volta de 1860, por ocasião das notícias da guerra civil, os títulos se dispõem verticalmente nas colunas, chegando a ocupar colunas inteiras, com tipos ainda pequenos e variados. Nesta época, ainda apresentam um caráter informativo ralo.

A grande transformação no título para uma configuração mais próxima da que se tem hoje ocorre nos Estados Unidos, na década de 1890, e está relacionada à disputa pelo mercado na imprensa sensacionalista. Por ocasião da guerra hispano-americana, os dois grandes jornais sensacionalistas de Nova York, *New York World*, de Joseph Pulitzer e *New York Journal*, de Randolph Hearst, principais responsáveis pelo estabelecimento da imprensa popular, transformaram a tipologia e a forma de elocução dos títulos, tornando-os finalmente importantes e estabelecendo paradigmas para sua utilização pelo jornal.

Ambos percebem claramente a influência do aspecto gráfico na venda dos jornais. Imediatamente começam a modificar a primeira página, introduzindo uma paginação equilibrada, com títulos de duas colunas nas margens do jornal, incluindo também subtítulos e deixando o centro da página somente com texto. Depois, caminharam para uma mudança mais radical admitindo as manchetes, que ocupam toda a superfície, em oito colunas, logo abaixo do título do jornal. Generalizou-se então o uso de títulos chamativos, correspondendo à competição travada entre matutinos e vespertinos para conquistar as preferências dos leitores.¹⁴

É a partir dessas publicações que o título, sobretudo as manchetes, ganham real importância no jornalismo. Progressivamente, os jornais passam a adotar os títulos em tipos maiores e dispostos horizontalmente, em até oito colunas. Há também o estabelecimento de uma nova forma de enunciação dos títulos: mais informativos e chamativos. Melo identifica aí o surgimento do “título-notícia”, que corresponde a transformação da notícia em mercadoria, constituindo a apropriação de uma forma publicitária pelo jornalismo¹⁵.

Fica evidente, neste ponto, mais que a importância do título para a imprensa sensacionalista, a importância deste tipo de jornalismo no estabelecimento dessa categoria do jornalismo impresso. O “título-notícia” passa a ser o substrato ideal para o sensacionalismo na imprensa, aspecto a ser caracterizado adiante. Veremos mais tarde, os títulos como abrigo do

¹³ DOUGLAS, J., 1966, 17.

¹⁴ MOTT, G., Apud MELO, J. M., 1985, 68.

¹⁵ Ibidem, 67, 68.

discurso sensacionalista dos jornais pesquisados e seu papel numa categoria específica da imprensa sensacionalista: o *fait-divers*.

No Brasil, as inovações de titulação introduzidas no jornalismo americano só são adotadas no século XX. Na pesquisa realizada para o presente trabalho, os jornais da década de 20 já apresentam títulos maiores e com substancial caráter informativo, embora demonstrem considerável subjetividade. Neles, assim como não há *lead*, também não parece haver um critério sistematizado para a enunciação dos títulos. Não há também critério rígido para a disposição dos títulos nas páginas, tanto na tipologia, quanto no número de colunas ocupadas.

Somente com a adoção da contagem dos títulos, as páginas passam a ter uma organização espacial “disciplinada”. Com essa técnica, o redator passa a ter de elaborar o título de acordo com um limite rígido de caracteres por linha, o que confere a essa tarefa dificuldade extra. Como afirma Amaral, ele “trabalha dentro dos mais estreitos limites literários”¹⁶, porque aliada a dificuldade técnica, há a obediência às exigências de clareza, objetividade e concisão. Deve, portanto, o redator especializado em criar títulos; “dominar o idioma e conhecer, na ponta da língua, o maior número possível de sinônimos”¹⁷, precisando também abusar da criatividade. Estas dificuldades e as soluções apresentadas ao longo da história da imprensa através de títulos antológicos fazem Amaral¹⁸ e Bahia¹⁹ se referirem ao ato de titular como “arte”.

2.2- O *Fait-Divers* como gênero indispensável no jornal

Há nos jornais pesquisados, um gênero de notícias cujos títulos requerem uma análise a parte, por ter claramente um processo histórico próprio até sua consolidação na imprensa, por constituir-se então num elemento indispensável nos jornais diários e por estar ligado intimamente ao sensacionalismo, que tem no título a principal forma de manifestação. Trata-se do *Fait-Divers*.

Danilo Angrimani, em *Espreme que sai sangue*, aponta a origem francesa do gênero e recorre ao Grande Dicionário Universal do Século XIX, de Pierre Larousse, para defini-lo como:

¹⁶ AMARAL, L., 1990, 87.

¹⁷ Idem, 1986, 54.

¹⁸ AMARAL, L., 1990, 86.

¹⁹ BAHIA, J., 1974, 160.

Rubrica sob a qual os jornais publicam com ilustrações as notícias de gêneros diversos que ocorrem no mundo: “pequenos escândalos, acidentes de carro, crimes terríveis, suicídios de amor, operários caindo do quinto andar, roubo a mão armada, chuvas torrenciais, tempestades de gafanhotos, naufrágios, incêndios, inundações, aventuras divertidas, acontecimentos misteriosos, execuções, casos de hidrofobia, antropofagia, sonambulismo, letargia. Ampla gama de atos de salvamento e fenômenos da natureza, como bezerros de duas cabeças, sapos de quatro mil anos, gêmeos xipófagos, crianças de três olhos, anões extraordinários”.²⁰

O processo de consolidação do *fait-divers* está intimamente ligado ao crescimento do sensacionalismo na imprensa. Cristiane Costa, em *Pena de Aluguel*, descreve como nos Estados Unidos a proliferação dos *faits-divers* teve relação com o aparecimento da imprensa sensacionalista:

O jornalismo sensacionalista foi introduzido nos Estados Unidos por Joseph Pulitzer, que em 1883 comprou o World, e por William Randolph Hearst, quando se tornou o dono do New York Journal em 1895. Ao esvaziar a ênfase política que a tinha guiado até o século XIX, a imprensa teve que conquistar o público de outra maneira. E descobriu que poderia atrair o mesmo segmento interessado nos folhetins, falando de crimes e escândalos que despertassem emoções fortes. Os *faits-divers* gradativamente foram ganhando importância até chegarem às manchetes dos jornais.²¹

O *fait-divers* se torna, como afirma Angrimani, o “principal nutriente” do jornalismo sensacionalista²². Este se caracteriza por “tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento”, “utilizando-se de um tom escandaloso, espalhafatoso”; e por produzir “noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato”²³. Para Márcia Amaral, em *Jornalismo Popular*, o sensacionalismo “está ligado ao exagero; à intensificação, valorização da emoção; à exploração do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco e inversão do conteúdo pela forma”²⁴. Desta forma, o jornal sensacionalista se torna o ambiente propício para a proliferação dos *faits-divers*, que buscam muitas vezes transformar o banal em extraordinário, ou superdimensionar o que já é extraordinário.

²⁰ Apud ANGRIMANI, D., 1995, 25.

²¹ COSTA, C., 2005, 243.

²² ANGRIMANI, D., 1995, 16.

²³ Ibidem, 16.

²⁴ AMARAL, M. F., 2006, 21.

Os *faits-divers* representam herança do folhetim, gênero literário baseado predominantemente na estética do melodrama, que proliferou nos jornais brasileiros do século XIX, vindo da Europa:

O melodrama vai transformar-se em folhetim na metade do século XIX, com o desenvolvimento da imprensa na Europa. O folhetim é um elemento-chave da industrialização da imprensa na Europa, por constituir-se no primeiro texto escrito no formato popular de massa e por ter concedido o *status* de personagem às classes trabalhadoras.²⁵

O folhetim se constitui então, um gênero literário específico para veiculação no jornal. Com a expulsão da literatura do jornal no século XX, o folhetim desaparece da imprensa, mas sua característica marcadamente melodramática persiste nos *faits-divers* e no jornalismo sensacionalista. A retórica destes gêneros é a mesma do melodrama, de forma que “o sensacionalismo pode ser definido como a fusão do melodrama com o factual”²⁶. Deste modo, pode-se dizer que o jornalismo sensacionalista abriga os estilhaços dos folhetins, revestidos de factualidade, que são os *faits-divers*. Nos títulos deste gênero de notícias, como veremos adiante, percebe-se nitidamente a herança do folhetim e do melodrama.

²⁵ AMARAL, M. F., 2006, 74.

²⁶ GONZÁLES, A. apud COSTA, C., 2005, 245.

3- Anos 20

O Brasil do final da década de 1920 sofreu os reflexos da crise econômica mundial numa economia exclusivamente dependente da exportação do café. Assistiu também a uma crise política que resultou na revolução que mudaria os rumos do país. Essas turbulências vieram movimentar um país que havia ficado mais de duas décadas do século XX em estagnação econômica e política, com os presidentes da aristocracia se sucedendo tranquilamente no poder; era a política do café-com-leite.

Enquanto os tempos eram brandos no Brasil, o mundo sofria grandes agitações: a grande guerra mundial, a revolução russa e o crescimento do movimento fascista na Europa. Mas a relativa calma na política federal começou a se desfazer já no governo de Epitácio Pessoa, em 1922, com o movimento tenentista. A partir daí, as agitações cresceram até culminar na revolução que colocou Getúlio Vargas no poder, em 1930.

A imprensa, feita por políticos e diletantes, não existindo a profissão de jornalista, era eminentemente política e opinativa, e influiu decisivamente nos acontecimentos políticos. Analisaremos aqui dois jornais marcantes nessa fase pré-revolução: *Correio da Manhã*, o principal jornal da República Velha, e *Crítica*, o jornal símbolo do período turbulento do final da década.

3.1- O *Correio da Manhã*

Surgido na alvorada do novo século, em 15 de junho de 1901, o *Correio da Manhã* foi, até seu fechamento, em 1968, grande protagonista no cenário da imprensa brasileira, notabilizando-se também por influir decisivamente nos rumos da política federal.

Desde o princípio, o jornal imprimiu a marca da combatividade do seu fundador e dono, o advogado gaúcho Edmundo Bittencourt. Numa época em que a imprensa mantinha laços inquebrantáveis com os poderes políticos vigentes, enraizados em um ambiente de corrupção de ambas as partes, o *Correio da Manhã* fez sua reputação ao desafiar ostensivamente os políticos estabelecidos no poder da República Velha. Tornou-se então, e por muito tempo, a grande voz questionadora do *establishment*, e seu proprietário um dos homens mais influentes da política brasileira.

Juntamente à marcante combatividade política, que já o distinguia frente a brandura com que os demais jornais abordavam a situação política estabelecida, o jornal trouxe a retórica da defesa dos interesses do povo. O entrelaçamento dessas duas linhas editoriais,

calcado num jornalismo explicitamente opinativo, marcou o estilo inovador do periódico e explica parte do seu sucesso. Esta opção já está expressa em seu artigo de apresentação: “Jornal que se propõe a defender a causa do povo não pode ser, de forma alguma jornal neutro. Há de ser, forçosamente, jornal de opinião”²⁷.

Desta forma, ao longo da primeira metade do século, o *Correio da Manhã* tornou-se um notável formador de opinião, celeiro de grandes profissionais de imprensa e abrigo de intelectuais, além de participante ativo nos acontecimentos da política nacional, graças a intransigente influência de Edmundo Bittencourt nos meios políticos. Um episódio marcante dessa influência é o caso das “cartas falsas”, publicadas pelo jornal em 1921. Atribuída ao então candidato a presidência Arthur Bernardes, uma das cartas, supostamente endereçada ao Ministro da Marinha, sugeria que este comprasse os militares participantes de um banquete oferecido pelo ex-presidente Hermes da Fonseca, que almejava lançar novamente sua candidatura ao Catete. O episódio resultou na decretação do estado de sítio pelo então presidente Epitácio Pessoa, que se estendeu pelo governo de Bernardes, e instalou a rebelião tenentista, culminando no célebre episódio dos 18 do Forte.

Ao se tornar um jornal poderoso em plena era do jornalismo eminentemente político e opinativo, o *Correio da Manhã* criou fortes laços políticos e passou a adotar práticas condizentes com este meio. Uma questão de sobrevivência para um jornal que já era como uma instituição política e que desde sua criação atuava com uma audácia que requeria fortes aliados. As relações comprometedoras do jornal são retratadas no romance de Lima Barreto, *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, em que o autor relata através da caricatura os bastidores da redação e as ações pouco éticas de Edmundo Bittencourt.

Acima dessas circunstâncias, prevalece a grande contribuição do *Correio da Manhã* para o desenvolvimento do jornalismo, a formação da opinião pública, a dinamização do meio político e o surgimento de uma imprensa popular, no sentido de dar vazão aos anseios da população, representando-a no cenário político. Desta forma, o jornal antecipava o fim da República Velha, em que a participação popular era nula. Como afirma Nelson Werneck Sodré:

o jornal de Edmundo Bittencourt foi, realmente, veículo dos sentimentos e motivos da pequena burguesia urbana, em papel dos mais relevantes. Quebrou a monótona uniformidade política das combinações de cúpula, dos conchaves de gabinete; levantou sempre o protesto das camadas populares, na fase histórica em que a participação da classe trabalhadora era mínima. Através desse

²⁷ Apud SODRÉ, N. W., 1999, 287.

caminho, vindo de baixo é que se transformou, e depressa, em empresa jornalística.²⁸

3.2- Os títulos no *Correio da Manhã*

Para um jornal intitulado *Correio da Manhã*, nada mais adequado do que oferecer aos seus leitores correspondências matutinas. A realização desta afirmação pode ser constatada com uma rápida olhada nos títulos das primeiras páginas de maio de 1929.

De fato, as manchetes do jornal, todas referentes a acontecimentos internacionais, podem ser vistas como títulos de correspondências endereçadas a alguém que está distante dos fatos relatados, à espera de notícias trazidas por um único portador, como as que chegam pelo serviço postal. É mesmo como se o fosse o único veículo portador das notícias internacionais que o a esta altura cosmopolita *Correio da Manhã* noticia os acontecimentos do estrangeiro, dominantes nas capas do jornal.

Seguem-se os títulos da capa da edição de 2 de maio:

“As manifestações proletárias do Dia do Trabalho foram perturbadas, em vários paizes, por sérios acontecimentos”.

“A policia de Paris effectuou a prisão de cerca de quatro mil pessoas”

“As tropas governistas do México occuparam Aguapietra, capturando mil e quinhentos insurrectos”

“O presidente Hoover e a imprensa”; “O discurso do primeiro magistrado dos Estados Unidos no banquete annual da ‘Associated Press’”, “A vida e a propriedade são relativamente mais inseguras na América do Norte do que em qualquer outro paiz civilizado”(subtítulos)

“Greve a bordo do ‘Ile de France’”; “O transatlântico francez não pôde partir para Nova York”(subtítulo)

“O primeiro de maio no estrangeiro”

“Revolução mexicana”

“Como os federaes conseguiram a rendição das forças rebeldes de Sonora”

Menos singela e mais concreta que a metáfora das correspondências, é a comparação dos títulos acima relatados e que apresentam estrutura similar a maioria dos títulos pesquisados - estrutura essa a ser pormenorizada a seguir- com títulos que poderiam ser

²⁸ SODRÉ, N. W., 1999, 287.

gerados em boletins de agências internacionais ou em comunicados oficiais. Ao se ler as manchetes em sequência, com a exceção das referentes ao discurso do presidente americano, as quais têm um caráter menos factual, tem-se mesmo a impressão de se estar lendo manchetes através de um boletim. Aliás, o noticiário internacional é fornecido majoritariamente pelos serviços das Agências Havas e United Press.

Um elemento determinante para essa similaridade notada com as correspondências, boletins e comunicados é o artigo no início da maioria das manchetes. O artigo definido antes do sujeito num título como “A policia de Paris effectuou a prisão de quatro mil pessoas” confere à frase certo acabamento, tornando-a eloqüente. Esta percepção em um título isolado pode parecer inconsistente, mas quando se distribuem na capa do jornal várias manchetes com esta mesma estrutura, como já transcrito acima, esta eloqüência fica bastante visível.

Outro aspecto que contribui para a percepção dessa forma de expressão no título acima citado, e que também é uma constante nos outros títulos desta edição e de outras edições do jornal, é o tempo do verbo da frase: passado. Obviamente, nesta época, as notícias muitas vezes se referiam a acontecimentos de mais de um dia anterior. Também não se tinha o afã de atualidade em que há muito está imersa a mídia. Era natural, portanto, o uso do pretérito para se referir a acontecimentos que efetivamente haviam ocorrido no passado, ainda que próximo. Esta prática é inclusive sintomática de uma época em que ainda a comunicação se fazia com vagar, pelo menos pela via impressa, conservando também uma forma solene de expressão. Não é gratuita, portanto, a comparação com as correspondências.

Voltando a frase, nota-se que o verbo no passado “fecha” o acontecimento, conferindo a afirmação caráter definitivo. O verbo acaba subjetivamente atuando no sentido de impedir a contestação da veracidade da informação. É claro que sempre se poderá contestar qualquer informação, e que não se está dizendo aqui que há uma maquinação por trás da formulação dos títulos no sentido de fazê-los permanentemente irrefutáveis. Apenas se constata que uma prática gramatical usual no jornalismo da época, pois também notado no outro jornal pesquisado no mesmo período, por si só atuava, discretamente, no sentido de tornar os títulos “incontestáveis”. Há neste formato de frase um encerramento do acontecimento, abarcando naturalmente a conotação temporal do verbo “encerrar”. As notícias estão, assim que publicadas, emolduradas; prontas para serem expostas num museu.

Estes títulos juntos, como o caso da edição de 2 de maio, ganham uma eloqüência significativa. É necessário salientar que é somente o conjunto destes títulos que permite a sólida percepção das características acima assinaladas, de modo que o que se está mostrando aqui são as características marcantes da forma de expressão do jornal analisado. É porque o

jornal apresenta várias manchetes com o artigo no início e o verbo no pretérito perfeito que o conjunto deles emana uma conotação de afirmações incontestáveis. Desta forma, podemos dizer que o jornal apresenta-se imponentemente, não abrindo espaço para quaisquer contestações das suas informações.

Alguns títulos são propriamente imponentes. É o caso da manchete principal da edição de 2 de maio. “As manifestações proletárias do Dia do Trabalho foram perturbadas, em vários paizes, por sérios acontecimentos”. Aqui, além do artigo e do verbo no passado, emoldurando a afirmação e conferindo-lhe eloquência, contribuem para dar imponência ao título, a frase extensa - o que é comum nos títulos principais do jornal - e uma informação final subjetiva, impensável no jornalismo dos dias atuais. Esta informação (sérios acontecimentos) revela a liberdade que o jornal se dá de classificar um acontecimento, de modo que esta classificação possa ser vista como uma constatação. Por outro lado, deixa em suspenso que acontecimentos são esses, e é justamente essa suspensão e o modo estranho de provocá-la, com uma auto-suficiência que se mostra curiosamente natural, mas que pode ser vista como bastante suspeita, pois que trata-se de uma afirmação subjetiva, que confere a imponência própria deste título, cujas últimas palavras reverberam tensamente.

Exemplos mais representativos desta liberdade que o jornal se dá de classificar um acontecimento através de adjetivos e advérbios são as manchetes do dia 4 de maio. “É verdadeiramente revolucionária a situação creada pelos communistas que se entrincheiraram na parte sul de Berlim”, diz a extensa manchete principal, que tem como subtítulos: “Os choques que se travaram entre agitadores e a polícia, na noite de ante-hontem, tiveram as proporções de uma batalha” e “Também na Hespanha, os agitadores crearam uma situação duvidosa, determinando rigorosas medidas preventivas das autoridades”.

Abaixo, o título da matéria é o seguinte: “A situação em Berlim é francamente revolucionária”. Primeiramente, fica claro o posicionamento político do jornal, em que os comunistas são vistos como ameaça. É possível destacar, em cada frase, palavras que classificam o acontecimento, mas que não contribuem para dar a eles caráter estritamente factual: “verdadeiramente revolucionária”, “proporções de uma batalha”, “situação duvidosa”, “francamente revolucionária”. Todas estas classificações, por serem evidentemente subjetivas, se mostram resultado de uma opinião e julgamento do jornal. Pode-se identificar aqui uma certa onipotência, através dessas expressões de seus julgamentos, como se eles partissem de um consenso prévio, a que todos os leitores compactuassem, compartilhando da opinião do jornal. Esta onipotência é claramente baseada no modo pomposo do jornal expressar esses seus julgamentos. Nos exemplos citados acima, os advérbios

“verdadeiramente”, “francamente” e a expressão “situação duvidosa”, subjetivíssima, expressam essa pompa. Aliás, estes exemplos, a exceção do subtítulo que contém “situação duvidosa”, contêm um sentido de urgência e atualidade, que contrasta com a maioria das manchetes do jornal.

Nota-se também que alguns títulos principais, enormes, não procuram sintetizar o fato, sendo pontuais; eles envolvem o acontecimento com considerações, classificações e julgamentos. Outros exemplos em que isto fica claro: “Apesar da energia das medidas do governo, verificou-se mais um serio encontro com os communistas de Berlim, que oppuzeram tenaz resistência”(manchete principal, 5 de maio); “Com a presença do rei Affonso XIII, inaugurou-se hontem, solennemente, a Exposição Ibero-Americana de Sevilha”(manchete principal, 10 de maio).

A pompa referida anteriormente se relaciona com um modo fleumático do jornal se expressar, fruto de uma forma pouco objetiva de relatar, que se mostra mesmo em manchetes taxativas e expressa muitas vezes um distanciamento do jornal em relação ao acontecimento. Esta é certamente uma característica marcante do *Correio da Manhã*. O exemplo acima citado que contém a expressão “situação duvidosa” é típico da forma fleumática do jornal expressar seus títulos. Esta característica, que torna as manchetes muitas vezes pouco expressivas, tem a ver com a ausência de sensacionalismo nos títulos do *Correio da Manhã*. Abaixo estão outros exemplos em que se percebe claramente esta fleuma do jornal:

“Foram muito violentas as demonstrações de ante-hontem, na Allemanha, verificando-se mais de sessenta encontros entre a policia e os manifestantes”(manchete principal, 3 de maio)

“Na Allemanha, as demonstrações assumiram uma violência pouco comum”(subtítulo, página 2, 3 de maio)

“Nos choques de hontem entre a força publica e os communistas entrincheirados, a primeira não levou a melhor”(subtítulo, capa, 4 de maio)

“Quiseram matar o primeiro ministro lituano”(capa, 7 de maio); “O Sr Valderamas foi alvejado por três individuos, que lhe mataram o ajudante de campo”(subtítulo)

“Partiu de Lisboa para aquella cidade uma esquadilha de hydro-aviões”(subtítulo, capa, 9 de maio)

“Como o eminente professor uruguayo falou ao ‘Correio da Manhã’ sobre a peste bubonica, a febre amarella e o codigo Sanitario Pan-Americano”(subtítulo, página 3, 9 de maio).

Essas considerações a respeito das formas de enunciação dos títulos do *Correio da Manhã*, que podem ser classificados como eloqüentes, imponentes, fleumáticos e onipotentes estão ligadas ao fato de todas essas características terem em comum a estética do verbalismo, àquela época perfeitamente vigente na imprensa, que seria, de acordo com Muniz Sodré, numa análise da televisão, remanescente da velha cultura brasileira importadora dos costumes europeus:

O gosto pelo verbalismo decorre historicamente da erudição estéril e de uma educação elitista, desvinculada da vida prática e voltada para os jogos do espírito importados das metrópoles culturais européias. A velha retórica ainda é cultuada nos meios dominantes da cultura brasileira. E as massas analfabetas ou semiletradas continuam a se deixar fascinar pelo verbalismo beletista.²⁹

No caso do “Correio da Manhã”, o verbalismo beletista é mais uma expressão do seu domínio no meio intelectual do que objeto de fascinação das classes semiletradas. Nelson Werneck Sodré descreve esta estética como “marcada pela ênfase, na fascinação da palavra sonora, pela expressão desusada, pela orgia de adjetivos e pela pletora de metáforas”³⁰.

Outra característica marcante das manchetes deste jornal é o caráter de incerteza presente em vários títulos. Algo que se deve, em grande parte, a falta de informações sobre alguns acontecimentos, decorrente da distância destes, muitos noticiados pelas agências. Desta forma, várias manchetes aparecem com informações incertas, ou, pelo menos, rarefeitas e incompletas. Abaixo, estão alguns títulos em que o caráter de incerteza está presente e que parece decorrer da falta mesma de informações mais precisas dos acontecimentos:

“Parece que não encontrou eco entre os operários o apelo a greve como resposta a repressão policial”(subtítulo, página 3, 2 de maio)

“Considera-se delicada a situação na Hespanha”(página 3, 2 de maio);
“O governo está sciente de que certos elementos intrigam, afim de impedir se inaugurem as exposições de Sevilha e Barcelona”(subtítulo)

“Acredita-se que deu causa ao acto criminoso a acção do governo contra os extremistas do 1º de maio”(subtítulo, capa, 8 de maio)

“Affirma-se que a França aceitará o plano Young como base para ulterior discussão”(subtítulo, capa, 8 de maio)

²⁹ SODRÉ, M., 1980, 33.

³⁰ SODRÉ, N. W apud COSTA, C., 2005, 99.

“Affirma-se que a Argentina e Cuba são os países mais prejudicados do Continente”(subtítulo, capa, 9 de maio)

“Considera-se livre o algodão do Brasil, enquanto que as carnes em conserva serão oneradas”(subtítulo, capa, 9 de maio)

“Ao que se diz, não há cláusulas a respeito da Bolívia”(subtítulo, capa, 10 de maio)

Nota-se que estes títulos, no caso subtítulos, possuem um conteúdo informativo enfraquecido. Os verbos na voz reflexiva conferem incerteza à afirmação e mostram o quão distante está o jornal do fato. Verbos como “parece”(1º exemplo) e expressões como “ao que se diz”(último exemplo) aumentam essa distância, conferindo mais incerteza à afirmação e tornando débil o conteúdo informativo. Estes exemplos mostram que embora através das formas de expressão dos títulos possa se dizer que eles se mostrem auto-suficientes, o jornal admite abertamente sua incapacidade de noticiar com certeza.

Contrastando curiosamente com esses exemplos, estão os casos em que a “admissão” ocorre de forma indireta, através da fácil constatação de sua frágil auto-suficiência. Isto se vê quando o jornal trata de números. Abaixo, alguns exemplos:

“As tropas governistas do México ocuparam Aguapietra, capturando mil e quinhentos insurrectos”(subtítulo, capa, 2 de maio)

“Um violento terremoto fez mil victimas em tres localidades persas”(página 3, 2 de maio)

“Em consecuencia de violentissimo terremoto que sacudiu a Persia, morreram duas mil pessoas e varias aldeias foram destruidas”(manchete principal, 7 de maio)

É realmente curiosa a forma como esses números “redondos” são colocados, sem o uso de advérbios como “aproximadamente” e “cerca de”, como se representassem com exatidão a quantidade de vítimas e presos. Na verdade, como obviamente não representam a quantidade exata, este modo de afirmar indica como a auto-suficiência do jornal pode mostrar-se frágil, pois esses exemplos representam o modo mais tacanho de manifestação desta característica. No entanto, mais importante é ressaltar como a própria linguagem do jornal era despreocupada com a informação precisa. Desta forma, estes títulos acabam deixando clara a distância entre o jornal e a realidade destes fatos.

Dentre todas as formas de enunciação dos títulos encontradas na pesquisa do *Correio da Manhã*, identifica-se uma mais marcante, por ser a de mais fácil percepção e por agrupar a maior quantidade de títulos. Seguem-se vários exemplos encontrados:

“Um grande romancista brasileiro”(manchete principal, 1º de maio)

“O presidente Hoover e a imprensa”(capa, 2 de maio); “O discurso do primeiro magistrado dos Estados Unidos no banquete annual da ‘Associeted Press’, em Nova York”(subtítulo)

“O primeiro de maio no estrangeiro”(capa, 2 de maio)

“Revolução mexicana”(capa, 2 e 3 de maio)

“O Dia do Trabalho”(página 2, 2 de maio)

“A situação revolucionaria preparada pelos communistas em Berlim”(página 3, 2 de maio)

“A China sanguinária”(página 3, 2 de maio)

“As comemorações trabalhistas no estrangeiro”(capa, 3 de maio)

“A campanha eleitoral britannica”(capa, 3 de maio)

“A conferencia preparatória de desarmamento”(capa, 3 de maio)

“A nossa reforma financeira e os empréstimos”(capa, 4 de maio)

“Conferencia Preparatória de desarmamento”(capa, 4 de maio)

“A data brasileira no exterior”(capa, 4 de maio)

“Os elementos em furia em diferentes pontos do globo”(capa, 4 de maio)

“A situação em Kabul”(capa, 5 de maio)

“As eleições municipaes francezas”(capa, 7 de maio)

“O caso das reparações”(capa, 7, 8 e 10 de maio)

“Uma data dos inglezes”(capa, 7 de maio)

“A ameaça sinistra do exercito republicano do Hindustão”(capa, 7 de maio)

“A exposição ibero-americana de Sevilha”(capa, 8 de maio)

“O attentado contra o chefe do governo Lithuano”(capa, 8 de maio)

“O futuro da Allemanha”(capa, 9 de maio)

“O quinto centenario do levantamento do cerco de Orleans”(capa, 9 de maio)

“A reforma tarifaria nos Estados Unidos”(capa, 9 de maio)

“O territorio litigioso entre Guatemala e Honduras”(capa, 9 de maio)

“A solução do caso Tacna e Arica”(capa, 10 de maio)

“A modernização da Persia”(capa, 10 de maio)

“A contra-revolta Afghan”(capa, 10 de maio)

“Os acontecimentos revolucionarios de Berlim”(capa, 10 de maio)

“Uma greve de fome em Paris”(capa, 10 de maio)

Mouillaud, em uma pesquisa sobre o *Le Monde*, identifica no jornal francês uma classe de títulos chamados por ele de “anafóricos”. Esta “lembra os acontecimentos que começaram antes do número e dos quais a duração excede a duração quotidiana.”³¹. Estes títulos, iniciados com o artigo definido, possuem “o *status* de uma referência”, dando ao fato noticiado uma dimensão histórica³². De fato, os títulos acima relacionados, a maioria iniciados com artigo definido, possuem essa conotação histórica, tornando-se uma referência a abarcar os fatos que estejam no seu contexto, fatos estes representados na maioria das vezes nos subtítulos. Pode-se, portanto, aplicar a definição de Mouillaud a este tipo recorrente de títulos do *Correio da Manhã*. Pelo modo de enunciação, com a ausência de verbos, os títulos lembram os de narrativas literárias. Eles apresentam o que se pode chamar de “caráter enciclopédico”, sugerindo uma explicação completa sobre o fato “emoldurado”. É como se o jornal fosse um almanaque, com os títulos exibindo os temas a curiosidade do leitor.

Chama atenção o fato de, mesmo representando acontecimentos duradouros, somente dois destes títulos serem repetidos em outras edições. Isto pode se dever mesmo a falta de outras notícias para serem publicadas nos dias seguintes sobre determinado assunto, de modo que tudo que se tem de notícia durante dias é divulgado num dia. Alguns títulos como: “Um grande romancista brasileiro”, “O presidente Hoover e a imprensa” e “O futuro da Alemanha”; por não se referirem a um acontecimento, revelam claramente aquilo que Mouillaud identifica como presente atemporal da informação, que é “independente da temporalidade histórica”³³. Este presente se constitui também a partir do que o jornal dispõe de informação. No caso do *Correio da Manhã*, o seu presente está a mercê das informações recebidas do exterior. Há, portanto, nos títulos anafóricos, o presente da informação, que se

³¹ MOUILLAUD, M., 2002, 105.

³² Ibidem, 104.

³³ MOUILLAUD, M., 2002, 109.

constitui no “horizonte da leitura, um horizonte que é preenchido, posteriormente pelo enunciado propriamente informacional”³⁴.

Por fim, deve-se ressaltar mais uma vez que estes títulos são representativos de uma forma pomposa de comunicar.

3.3- *Crítica*

Edmundo Bittencourt, proprietário do *Correio da Manhã*, recebeu o epíteto de “criador da opinião pública no Brasil Republicano”³⁵. O autor do elogio, Mário Rodrigues, se encontrava dentro da prisão quando escreveu mais esse louvor ao venerando jornalista. Lá estava por um artigo publicado no *Correio da Manhã*, há 5 de julho de 1924 mesmo dia da revolução paulista contra Arthur Bernardes; em que louvava os mártires do forte de Copacabana de 5 de julho de 1922. O artigo foi considerado de “incitamento a revolta” e o jornal ficou proibido de circular durante oito meses. Na ocasião, Rodrigues era diretor do jornal, onde exercitava sua vocação panfletária. Neste periódico, já havia sido protagonista no episódio das “cartas falsas”.

Após ser libertado, em 1925, o jornalista pernambucano desentendeu-se com Bittencourt, se demitiu do *Correio da Manhã* e fundou seu próprio jornal: *A Manhã*. Se menos de um ano antes, Mário Rodrigues se derramava em elogios ao patrão, com seu próprio jornal passa a ser um inimigo mortal de Edmundo Bittencourt. Os dois jornais iniciam aí uma poderosa batalha verbal. Até setembro de 1928, *A Manhã* permaneceu sob a direção de Mário Rodrigues, mas as dívidas o fizeram perder o controle acionário da empresa. Não admitindo ser funcionário, Rodrigues pediu demissão e decidiu criar um novo matutino: *Crítica*.

O novo jornal se mostrou ainda mais veemente que o seu antecessor. Como descreve Ruy Castro: “*A Manhã* era um jornal agressivo. Mas, comparado com *Crítica*, parecia agora ter sido tão inofensivo quanto o *Almanaque da Saúde da Mulher*”³⁶. Castro resalta as importantes peculiaridades do jornal:

Seu lema, bem abaixo do frontispício, dizia: ‘Declaramos guerra de morte aos ladrões do povo’. Era matutino e seu formato, invariável, de oito páginas, sendo a primeira quase sempre de política e a última sempre policial. Visualmente era sensacional: projeto gráfico do paraguaio, radicado no Rio, Andrés Guevara... A exuberância visual de ‘*Crítica*’ acompanhava o estardalhaço dos textos. Cada manchete,

³⁴ Ibidem, 110.

³⁵ CASTRO, R., 1992, 43.

³⁶ Ibidem, 68.

como diria Nelson(Rodrigues), era ‘um berro gráfico’, um ‘uivo impresso’. Às vezes limitava-se a uma única palavra: ‘CANALHAS!’, ou ‘ASSASSINOS!’.³⁷

Se o *Correio da Manhã* imprime “limpamente” a marca da audácia de Edmundo Bittencourt, em *Crítica* a figura de Mário Rodrigues se confunde com a própria tinta do jornal, que seria vermelha, se pudesse, e não que seu dono fosse comunista. O jornal se apresentava como palanque para os disparos de sua artilharia verbal, a se fazerem diariamente não só em manchetes, mas também em furibundos editoriais. Contrariamente ao cosmopolita *Correio da Manhã*, suas manchetes principais se voltam para a política nacional, à maneira de um jornal provinciano, envolvido visceralmente com a política local. Esta era a razão de ser de *Crítica*, o comprometimento aberto com a vida política nacional.

3.4- Os títulos em *Crítica*

O lema “Declaramos guerra de morte aos ladrões do povo”, citado por Castro, deixa evidente que o jornal tenta ganhar a simpatia da classe proletária. Isso se confirma não só na repetição deste lema nas edições pesquisadas, mas também nos títulos de caráter claramente populista. Seguem-se as manchetes referentes ao 1º de maio de 1929:

“Cultuemos no Dia de Hoje a Memoria dos Grandes Martyres da Causa Proletaria”(manchete principal, 1º de maio)

“O Comicio Monstro Que se Realisa Hoje, ás 14 Horas, na Praça Mauá, Promovido, Pelo Comité Pró Confederação Geral do Trabalho, Será Mais Uma Demonstração Victoriosa da Pujança e da Cohesão Dominantes Entre as Massas Laboriosas do Brasil”(página 2, 1º de maio)

“Comicio Monstro!”(página 2, 1º de maio)

“O Proletariado do Brasil, Pujante, Coheso e Disciplinado, Viveu Hontem Um dos Seus Dias Mais Gloriosos”(manchete principal, 2 de maio)

“A Impressionadora Solidariedade Proletaria”(capa, 2 de maio)

“Imponentissimo, o Desfile Operario de Hontem pela Avenida Rio Branco”(capa, 2 de maio)

³⁷ CASTRO, R., 1992, 68.

Primeiramente, já fica evidente aqui a presença do sensacionalismo no jornal, em contraposição as manchetes pouco expressivas do *Correio da Manhã*. Nota-se como o jornal aproveita a data do dia do trabalho para exaltar estrondosamente a classe proletária. Mas não é somente nesta ocasião que ele tenta se mostrar aliado dos trabalhadores. Diariamente o jornal manifesta através dos títulos, em tom acusatório, sua indignação pelas agruras por que passa o povo: “Ainda Há Escravos no Brasil!”(página 3, 1º de maio); “A Central Contra o Povo”(página 4, 1º de maio); “Os Moradores de Ramos Reclamam Contra o Abuso da Leopoldina”(página 2, 2 de maio); “Os Operarios da Fazenda Macacú Soffren Horriveis Privações”(página 3, 2 de maio); “Uma Medida Que Prejudica os Moradores de Terra Nova”(página 3, 2 de maio); “A Policia Paulista Estende Sua Perseguição as Esposas dos Grevistas Graphics”(página 5, 2 de maio); “As Victimias do 1º de Maio de 1929”(pagina 2, 3 de maio). Estes, alguns exemplos que evidenciam como o discurso de *Crítica* é marcadamente populista. Destes títulos no interior do jornal, nenhum é mais enfático que a composição título-subtítulo, localizada na página 8 da edição de 4 de maio. Eis a pérola: “Os Grandes Exploradores do Braço Productor”(título); “Senhores Plutocratas, o Dinheiro do Operário é Sagrado”(subtítulo).

Os títulos referentes às comemorações do 1º de maio, além de serem emblemáticos na postura populista do jornal, são representativos da forma verborrágica de o jornal se expressar. Arrebatados, abusando de adjetivos (destaque para o exemplo em que o proletariado é classificado em seqüência como pujante, coeso e disciplinado), se apresentam grandiloquentes, próprios para serem lidos em voz alta. Esta verborragia, aliada a outras características, mas sempre presente, talvez seja a característica mais marcante do jornal. Nos títulos referidos, por exemplo, há um tom ufanista no trato da classe operária. Para Muniz Sodré, o ufanismo, como elemento constituinte dos valores da cultura brasileira, também se expressa nos meios de comunicação:

O ufanismo decorre de uma distorção da consciência no processo de percepção da realidade, em que deixam de existir limites entre o Brasil real e o Brasil possível. O discurso ufanista caracteriza-se pela adjetivação apologética, sempre exaltativa do possível, apresentado como um aposto indiscutível do real... Desta forma a riqueza potencial passa a ser aceita como atual; a felicidade vindoura se sobrepõe imaginariamente às dificuldades presentes; a inteligência exaltada faz esquecer a educação ainda precária; a plena industrialização futura se antepõe aos percalços da marcha para o progresso industrial e para a eliminação do subemprego. Este futuro suposto, contido num presente imaginário, é ótimo instrumento para

um sistema que lida justamente com o imaginário do homem contemporâneo.³⁸

De fato, as afirmações dos títulos acima se pretendem indiscutíveis. Pode-se perceber o caráter verborrágico do jornal em vários outros títulos:

“O Vultoso Contrabando de Bordo do ‘Commandante Cantuaria’”(página 2, 1º de maio)

“Uma Mixórdia o Novo Regulamento de Ensino da Escola Veterinária do Exército”(página 3, 1º de maio)

“As trapaças e os escandalos da Administração Fluminense”(página 2, 2 de maio)

“O Triunpho da Graça e da Pureza”(página 5, 2 de maio); “Além da Formosura o Povo Admira nas Encantadoras ‘Misses’ a Alma e o Coração”(subtítulo)

“Mestre Washington, o Tyranno Que Ri, Vae Falar ao Paiz”(página 2, 3 de maio); “Como Sempre, Câmara e Senado se Arrearão, Com Pavor e Docilidade, aos Pés do Senhor...”(subtítulo)

“Realizou-se Hontem o Primeiro Espectaculo da Temporada Parlamentar”(manchete principal, 4 de maio); “Dando Rédeas Soltas á Potranca da Imaginação, o Nosso Glorioso Barbado Entrou, a Galope, no Terreno das Absurdas Affirmativas”(à direita)

“As Berrantes Immoralidades da Central do Brasil”(página 3, 4 de maio)

“O Cynismo Deslavado de Antonio Carlos”(página 2, 5 de maio)

“A Consciencia Liberal do Ceará Esmagada Pelas Patas Compressoras do Sr. Mattos Peixoto”(página 3, 5 de maio)

“Os Miseraveis Processos Bernardistas de Suborno, Coacção, a Favor dos Assassinos de Conrado Niemayer”(página 2, 7 de maio)

“Mais Uma Força Indigna e Obscena de Antonio Carlos”(página 2, 7 de maio)

“A Central do Brasil, Ninho de Intrigas, de Mexericos e de Escandalosas Protecções”(página 3, 7 de maio)

“Saudemos Com Alegria a Embaixatriz Suprema da Raça ao Deslumbramento Esthetico de Galveston”(manchete principal, 8 de maio)

“A Admiração Unanime dos Brasileiros Vibra Em Torno da Senhorita Olga Bergamini de Sá”(capa, 8 de maio)

³⁸ SODRÉ, M., 1980, 32.

“Um Confronto Oportuno Entre A Actuação Odiosa da Policia e a Heroica Solitude dos Bombeiros”(página 2, 8 de maio)

“Depois da Chegada do Execrado de Viçosa Annuncia-se a do Cynico de Bello Horizonte”(capa, 11 de maio)

De um modo geral, esses títulos contêm afirmações taxativas e conclusivas. A presença permanente dos julgamentos é explícita. Ao contrário do *Correio da Manhã*, cujo julgamento se manifestava de forma amena, em *Crítica* ele é enérgico, até virulento em algumas ocasiões e possui uma evidente voz pessoal. Eis um exemplo claro dessa última característica: “A Policia do Sr. Alvaro Neves Franqueou Definitivamente a Jogatina em Nictheroy”(página 3, 2 de maio). Deve-se ressaltar, no entanto, que o primeiro dedica suas manchetes principais ao noticiário internacional, enquanto o segundo as dedica a política nacional, cuja proximidade requer um envolvimento maior.

Em *Crítica* pode-se considerar que o verbalismo beletrista se reveste de uma verborragia mordaz, através da qual se manifesta o sensacionalismo. As manchetes atacam sem o menor pudor figuras públicas e instituições, utilizando palavras grosseiramente agressivas e chulas. Não falta criatividade aos redatores na escolha destas palavras.

No meio desse lamaçal de vilipêndios é surpreendente ver a doçura súbita e exuberantemente emanar das tintas que contam as notícias do concurso de Miss, que estão inclusive entre as manchetes principais do dia 8 de maio. Aí, a verborragia é tanta que chega a criar uma atmosfera irreal, quando se fala, por exemplo, no “triunfo da graça e da pureza” e na “admiração do povo na alma e coração das misses”. Isto, obviamente, é um retrato máximo de uma imprensa machista, concedendo o seu generoso espaço ao mundo intocável da beleza feminina.

Muitos dos títulos relatados acima têm também as características dos títulos anafóricos de Mouillaud. Aliás, em *Crítica*, eles são ainda mais numerosos que no *Correio da Manhã*. Aqui, além de todas as características já analisadas nos títulos do *Correio da Manhã*, este tipo de título tem a importante função de tornar uma referência histórica as acusações cotidianas às figuras públicas e instituições. A adjetivação exuberante é uma marca desses títulos em *Crítica*. Seguem-se alguns exemplos já relatados acima: “O Vultoso Contrabando de Bordo do ‘Commandante Cantuaria’”; “O Triunpho da Graça e da Pureza”; “As Berrantes Immoralidades da Central do Brasil”; “O Cynismo Deslavado de Antonio Carlos”; “Os Miseraveis Processos Bernardistas de Suborno, Coacção, a Favor dos Assassinos de Conrado

Niemayer”; “A Central do Brasil, Ninho de Intrigas, de Mexericos e de Escandalosas Protecções”.

Também recorrentes são os títulos que se tornam ainda mais eloquentes ao serem iniciados com artigos, mas que não são anafóricos, de acordo com a classificação de Mouillaud, a exemplo de muitos encontrados no *Correio da Manhã*. Aqui, a exuberância verbal parece querer torná-los irreprimíveis. Temos, entre outros, os seguintes exemplos já citados: “Uma Mixordia o Novo Regulamento de Ensino da Escola Veterinária do Exército”; “A Consciencia Liberal do Ceará Esmagada Pelas Patas Compressoras do Sr. Mattos Peixoto”; “A Admiração Unanime dos Brasileiros Vibra Em Torno da Senhorita Olga Bergamini de Sá”; “Um Confronto Oportuno Entre A Actuação Odiosa da Policia e a Heroica Solicitude dos Bombeiros”.

Como dito, *Crítica* difere do *Correio da Manhã* em conceder mais espaço às notícias da política nacional. Mas não se furta a noticiar os acontecimentos internacionais. Seguem-se dois títulos que tratam sobre as ocorrências em Berlim: “Berlim, Theatro de Sangrentas Occorencias”(subtítulo, página 2, 2 de maio); “Reveste-se de Gravidade o Movimento Comunista que Estalou na Allemanha”(página 5, 4 de maio). Vemos no segundo exemplo, ao contrário do que ocorre nos títulos que tratam da política nacional, um envolvimento mais frio do jornal com o fato, admitindo inclusive um tratamento pomposo. No primeiro exemplo, há um tratamento dramatizante e sensacionalista do fato, através de uma linguagem herdada dos folhetins e que impera nos *faits-divers* a serem analisados na sequência. De qualquer forma, dos dois títulos, um está, pelo pouco envolvimento do jornal com o fato, mais próximo do estilo fleumático dos títulos do *Correio da Manhã*.

3.5- Os títulos nos *Faits-Divers* em *Crítica* e *Correio da Manhã*

Os *faits-divers* nos dois jornais analisados se dispõem majoritariamente em pequenas notas nas páginas internas. Em todas as edições pesquisadas há pelo menos uma dessas histórias com destaque maior, contendo em alguns casos ilustrações. Algumas parecem mesmo reviver o velho folhetim, especialmente em *Crítica*, que dedica uma página diária, a oitava e última, para desenvolver apropriadamente algum caso que possa causar escândalo.

Pode-se identificar como característica principal nos títulos dos *faits-divers* das duas publicações a permanente presença da sugestão. Ela se dá, em muitos casos, pela pouca factualidade do conteúdo do título e em outros, factuais, pela informação incompleta deste, onde invariavelmente se omite o sujeito. No primeiro contexto, são comuns os títulos

romanescos, como se nomeassem mesmo um folhetim. Outra forma do título pouco factual se apresentar é através de afirmações melodramáticas, em alguns dos quais há a presença explícita de julgamento. Em todos os casos há a nítida preocupação de dar apenas a informação sugestiva do fato, de modo a fazer crer que há muito a ser revelado nas matérias. Não há pressa em escancarar o acontecimento. É como se os títulos abrissem apenas uma fresta para o leitor-voyer. Mas que tipo de assunto é sugerido pelos títulos? Obviamente, aqueles já relatados componentes da temática dos *faits-divers*, sobretudo morte e sexo. Abaixo estão alguns exemplos de títulos que, a despeito da sua factualidade, por estarem incompletos do ponto de vista da integridade da informação, abrem apenas uma fresta ao leitor:

“A mulher denunciou-o á polícia”(Correio da Manhã, página 3, 5 de maio); “Temendo ser preso, suicidou-se com um tiro no peito”(subtítulo)

“Tentou suicidar-se no xadrez”; “Caiu e quebrou o braço”; “Colhida e morta por um trem”; “Um sexagenário vítima de automovel”(Correio da Manhã, 7 de maio)

“Roubou Vários Objetos e Agora Indica o Local Onde Se Encontra”; “Atacado a Bala Por um Desconhecido”(Crítica, página 2, 2 de maio)

“Colhido Por um Trem em Madureira”(Crítica, página 6, 2 de maio)

“Ambas as Coxas Vazadas Por um Tiro”(Crítica, página 8, 2 de maio)

“Colhido Por Um Trem na Estação de Cascadura”(Crítica, página 8, 3 de maio)

“Costuma Roubar os Empregados”(Crítica, página 5, 7 de maio)

Os títulos acima não contêm um conteúdo informativo razoável para o conhecimento do fato. Vê-se três exemplos do caso clássico de colhimento pelo trem. Nos três títulos o sujeito é omitido, sendo a frase iniciada pelo verbo. A fórmula é repetida na maioria desses títulos. A omissão do sujeito sugere a identificação de sua identidade no texto da matéria, o que invariavelmente ocorre, com nome, sobrenome e endereço. Este tipo de título, por sua forma até brusca e crua de relatar o fato, conota uma frieza e indiferença, que é o oposto da matriz melodramática em que reside o *fait-divers*. Deve-se ressaltar, no entanto, que estes títulos correspondem apenas a pequenas notas. Um exemplo emblemático da crueza destes títulos é o da página 8 da edição de 2 de maio de Crítica: “Ambas as Coxas Vazadas Por um Tiro”.

A seguir estão títulos que constituem afirmações ou relatos melodramáticos. A partir de agora seguem-se exemplos realmente sensacionalistas:

“Mais um desastre de consequências profundamente dolorosas”(Correio da Manhã, página 3, 3 de maio); subtítulos a título de complemento: “Conforme previsamos, um dos mortos é estudante, e não o motorista matriculado no ‘Chevrolet’”; “O falecimento, no prompto socorro, de mais uma das vítimas”

“Preso o amante, incendiou as vestes e saiu para a rua”(Correio da Manhã, página 3, 9 de maio); “Um perverso no Xadrez e uma tresloucada no Prompto Socorro”(subtítulo)

“Matou-se Para Não Assistir os Sofrimentos da Sua Mãe”(Crítica, página 5, 7 de maio); “Depois de Rezar Fervorosamente, Incendiou as Vestes”(subtítulo)

“Alem de Prenderem o Rapaz Durante 47 Dias, Ainda o Espancaram Barbaramente”(Crítica, página 5, 7 de maio); “Agora a Policia Impede Que Sua Victima Vá a Corpo de Delicto!”(subtítulo)

“Morte Horriavel de Um Chefe de Linha da Central”(Crítica, página 8, 7 de maio)

Todos os exemplos citados deixam lacunas do ponto de vista da informação, sugerindo a revelação dos detalhes sensacionais no texto. O primeiro exemplo, com o complemento dos subtítulos é o que mais se aproxima de passar a informação mais consistente. Os dois subtítulos representam uma outra característica deste tipo de reportagem: a de anunciar as informações desses casos como prestação de serviço ao leitor, como se o jornal tivesse obrigação de apurar os detalhes das tragédias.

Esta característica reaparece em outros dois exemplos: “Como se desenrolou a scena e a ação da policia”(Correio da Manhã, subtítulo, página 3, 10 de maio); “Detalhes do Crime da Madrugada de Hontem”(Crítica, subtítulo, página 2, 5 de maio). Interessante notar este aspecto, principalmente num jornal de feição aristocrática como o *Correio da Manhã*, quando se lembra que o jornalismo “sério” hoje em dia é associado a divulgação apenas de informações de interesse público, que não incluem, detalhes sobre acidentes e crimes comuns. Segundo Amaral, o jornalismo atual “é uma atividade cuja imagem é a de defender o interesse público, de estar direcionado ao bem-estar social e de não se submeter a interesses particulares”³⁹.

³⁹ AMARAL, M. F., 2006, 54.

Pode-se perceber nos exemplos dos relatos e afirmações melodramáticas a presença constante dos julgamentos, se manifestando através de adjetivos. Alguns títulos se limitam a julgar, sem fazer referência a notícia:

“Um crime estúpido”(Correio da Manhã, página 3, 5 de maio); “A vítima faleceu pouco depois e o criminoso, um marinheiro nacional, teve sua fuga embaraçada pelo clamor público”; “Com a morte de seu chefe, fica a família na mais completa miséria”(subtítulos)

“É o cúmulo”(Crítica, página 5, 7 de maio); “Uma Perversidade do Sub-Director da 4ª Divisão da Central do Brasil”(subtítulo)

“Um Caso Grave”(Crítica, página 2, 11 de maio); “O Guarda Municipal n. 106 Provoca uma Cena Lamentavel na Rua do Cattete”; “Com Vistas aos Poderes Competentes”(subtítulos)

É realmente notável como em até dois subtítulos, os três exemplos deixam de fornecer informações fundamentais sobre o ocorrido. Detalhe para o fato de o relato melodramático no primeiro exemplo aparecer somente no segundo subtítulo. Os julgamentos nesse tipo de relato vão aparecer mais numerosamente no final do capítulo, quando se tratar dos exuberantes títulos da oitava página de *Crítica*.

A outra forma de sugestão, certamente a mais sedutora, parte dos títulos romanescos. Eis alguns exemplos:

“Um crime na Fortaleza de S.João”(Correio da Manhã, página 3, 10 de maio); “Depois de agredido, um sargento baleou dois homens, estando um delles em estado grave”(subtítulo)

“O Drama Sangrento da Rua Bella de São João”(Crítica, página 4, 1º de maio; página 2, 2 de maio; página 5, 4 de maio); “Confirmado o Formidavel Furo de CRITICA Pela Pericia Medico Legal- Mais Uma Vês Nossa Reportagem se Avantaja a Acção Policial”(subtítulo, 1º de maio); “Em Imprevisto a Policia Sempre Manca”(subtítulo, 2 de maio); “Confirmado o Furo Sensacional de CRITICA, Que Desde o Primeiro Dia, Contrariou a Versão Aceita Pela Polícia”(subtítulo, 4 de maio)

“Um Crime Emocionante na Capital Bulgara”(Crítica, página 3, 2 de maio)

“Uma Barbara Irrisão do Destino”(Crítica, página 2, 5 de maio); “Assassinado, Por Questão de Jogo, no Morro da Mangueira, á Bocca da Propria Arma”(subtítulo)

Estes títulos são herdeiros diretos dos títulos dos folhetins. Podem ser classificados como “títulos anafóricos”, segundo a já apresentada classificação de Mouillaud, por pretenderem tornar o acontecimento referência histórica, ou, neste caso, literária, já que herdam do folhetim. O título do segundo exemplo aparece em três edições, o que atesta para a herança folhetinesca na reportagem de *fait-divers*. Detalhe para os subtítulos, que preferem alardear o furo do próprio jornal do que apresentar informações da matéria, numa atitude de auto-referência elogiativa típica de *Crítica*. Mais uma vez fica evidente a preferência por sugestionar ao invés de informar claramente no título. Aliás, estes títulos, ao lembrarem os dos folhetins, naturalmente trazem ao leitor a sugestão das mesmas emoções encontradas naquele gênero, com a diferença do conhecimento de que o fato narrado no *fait-divers* é real. Em títulos como “O Drama Sangrento da Rua Bella de São João” e “Uma Barbara Irrisão do Destino”, se percebe claramente o elemento melodramático.

Mas os exemplos em que este aparece mais exuberantemente estão na oitava página de *Crítica*, a especializada em dar aos *faits-divers* um tratamento folhetinesco, de forma escandalosa e, por que não dizer, inescrupulosa. Ali, ao contrário do que ocorre nas outras páginas, os subtítulos fornecem detalhes numerosos do fato retratado na matéria principal. Eis os exemplos encontrados nesta página, de títulos do mesmo gênero dos tratados acima, ou seja, similares a títulos de folhetim:

“O Grande Incêndio da Fabrica Palermo”(4 de maio)

“As ‘Blagues’ do Destino”(4 de maio)

“O Crime Covarde do Sanguinario Escrivão Serrado”(7 de maio)

“O Sanguinolento Fim de Uma Tragedia Intima”(12 de maio); “Um Alto Funcionario da Alfandega Atacado e Morto, a Tiros, na Sua Residência, Pela Própria Esposa em Companhia de Capangas- Como se Desenrolou a Scena Violenta”(subtítulo)

“O Conluio da Trindade Sinistra”(14 de maio); “O Amante Trahido, de Parceria Com Um Despeitado, Resolveu Eliminar a Mulher Que Tantos Aborrecimentos Lhe Causava”; “Os Dois Embebedaram-na e Depois Mataram-na Barbaramente, Decapitando e Esquartejando o Cadaver da Desgraçada Mulher!”(subtítulos)

Os dois últimos exemplos são reportagens principais da página. Nota-se a presença do julgamento, quando se fala em “crime covarde” e “trindade sinistra”. Se estes títulos já são melodramáticos, tem-se que encontrar uma nova definição para os exemplos seguintes, que

representam relatos e afirmações sobre casos tornados escandalosos pelo jornal; aliás, o segundo subtítulo do último exemplo acima já representa um relato melodramático, com detalhe para o ponto de exclamação no final da frase. Seguem-se estes gloriosos títulos:

“Sob as Vestes Sagradas de Sacerdocio Uma Alma Satanica de Fauno”(2 de maio); “Repercutiu Fundamente na Alma Catholica da População de São João de Merity a Nossa Reportagem Sobre o Padre Eugenio”(antetítulo acima do frontispício)

“Ante o Ultraje de Sua Honra, Vilmente Conspurcada Pela Esposa, Desditoso Marido Desfecha um Tiro Na Cabeça”(3 de maio); “Não Respeitando a Alcova Conjugal, a Adultera Foi Surprehendida, em Flagrante, nos Braços do Amante”(subtítulo)

“Ha Medicos Que Tambem Conspurcam os Seus Consultórios”(5 de maio); “O Dr. Abel de Noronha Deshonestou Uma Rapariga Que o Fora Consultar”; “Historia Detalhada dos Amores do Medico Com Sua ‘Miss Preta’- Para Evitar Perseguições o Seductor Recorreu á Protecção do Quarto Delegado Auxiliar”(subtítulos)

“Preso, Por Infelicitar Duas Jovens, Tentou Suicidar-se no Xadrez do Oitavo Districto”(7 de maio); “Saturnino dos Santos, Mulato Cynico e Pernóstico, Nega a Aatoria do Crime Que Tão Indignamente Commetteu”(subtítulo)

“Demoniacos, em Sarabanda Lasciva, os Satyros Não Respeitam Siquer Aquellas Que Um Mao Destino Lançou Nas Trevas da Cegueira”(8 de maio); “As Cegas do Instituto Benjamim Constant Accusaram o Seu Director de Actos de Libidinagem”(subtítulo)

“Saciava os Desejos de Monstro em Uma Innocente Creancinha!”(11 de maio); “Ancião Libidinoso e Satyro Não Respeitou os Cinco Annos de Um Menino, Que Indignamente Polluia, Com Actos Infames”(subtítulo)

“Um Soldado da Policia Militar, Deshonrando Uma Jovem, Deshonra a Propria Farda!”(15 de maio); “A Pobre Victima Será Submetida ao Competente Exame Legal”(subtítulo)

Os exemplos relatados representam o ponto máximo da presença do sensacionalismo e do melodrama em todos os títulos pesquisados dos dois jornais. Evidenciam também, através de julgamentos constantes, o moralismo, machismo e racismo vigentes na imprensa da época. Observando-os, é inevitável pensar o quão claramente “charlatões” podiam ser os jornalistas de *Crítica*, e como isso podia ser divertido. Com o olhar de hoje, também é inevitável não achar cômicos esses títulos, transbordantes de adjetivações e julgamentos absolutamente preconceituosos. Ou, com o olhar emprestado de Nelson Rodrigues, inevitável é não achar dramaticamente belos estes formidáveis “uivos impressos”.

Os anos 50 encerram transformações definitivas na sociedade brasileira. O processo de urbanização começa a mudar a feição do país, que além de exportador de matéria-prima passa a ser grande produtor de bens de consumo industrializados. Substituem os velhos valores rurais, novas concepções, provenientes tanto da cultura norte-americana quanto dos centros urbanos brasileiros.

A cultura tem um novo impulso, com manifestações artísticas passando a se nutrir de uma estética urbana identificada com a modernidade. Assim temos a Bossa Nova, Niemayer e a construção de Brasília, um marco do novo Brasil no final da década. O país se vê finalmente na modernidade e reconhecido internacionalmente. Acima de tudo, o Brasil é campeão mundial de futebol, esquecendo momentaneamente o “complexo de vira-latas” cunhado por Nelson Rodrigues.

No jornalismo a década representa a grande mudança. Além da introdução do telejornalismo, a imprensa passa por transformações na técnica e na concepção que interagem com as próprias transformações culturais da sociedade brasileira. Analisaremos aqui, dois jornais com características distintas, mas igualmente representativos dos espíritos da época: *Última Hora* e *Diário Carioca*.

4.1- O *Diário Carioca*

No dia 17 de julho de 1928, quatro meses antes do aparecimento do incendiário *Crítica*, circulou pela primeira vez, dirigido por José Eduardo Macedo Soares, o pequeno *Diário Carioca*. Tirando inicialmente apenas cinco mil exemplares, tornou-se logo um jornal de grande prestígio, embora nunca tenha se constituído numa grande empresa jornalística. Seu principal momento, inclusive de popularidade, se dá no início dos anos 50, quando introduz no jornalismo brasileiro a técnica do *lead* e a figura do *copydesk*, revolucionando a forma de relatar a notícia no jornalismo impresso. Nesta época, o jornal chega a vender 45 mil exemplares nos dias úteis e 70 mil aos domingos.

Importado do jornalismo norte-americano, o *lead* é o parágrafo inicial da matéria, em que se deve responder objetivamente as perguntas necessárias para a rápida compreensão do fato (Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê?). Veio para substituir o *nariz-de-cera*, longa introdução com considerações as mais diversas, muitas vezes feitas em forma de narrativa, que abordavam o fato principal, mas não o apresentavam claramente, deixando sua revelação para o final do texto. Este modo de apresentação da notícia permanecia desde os primórdios do jornalismo brasileiro até os anos 50 praticamente intocável.

Pompeu de Sousa, redator-chefe do *Diário Carioca* a época da introdução da nova técnica, afirma ser o *nariz-de-cera* uma remanescência dos primórdios do jornal, que se constituía então em um panfleto onde se comentava duas ou três notícias de que já se tinha conhecimento pelo boca-a-boca. Para o jornalista, o *nariz-de-cera* deve sua sobrevivência à figura do redator:

Quando a complexidade dos acontecimentos foi obrigando o jornal a se transformar num veículo de notícias, o jornal conservou essa remanescência, inclusive porque era até um *capitis diminutio* para o redator escrever uma notícia pura e simplesmente. Ele seria um mero noticiarista, não um redator. Era preciso, então caprichar na forma, castigar o estilo para noticiar qualquer coisa.⁴⁰

Pompeu de Sousa, Danton Jobim, diretor do jornal, e Luís Paulistano, chefe de reportagem, foram os grandes responsáveis pela introdução deste novo modo de se fazer jornalismo, que trazia consigo o conceito de objetividade vigente na imprensa norte-americana. Ela ocorre, precisamente, no carnaval de 1950, quando Pompeu de Sousa cria um manual de redação intitulado “Regras de Redação do Diário Carioca”, inspirado nos *style-books* dos jornais americanos, que se constituíam em “regras de redação para padronizar o texto, dar-lhe certa uniformidade” e com isso “assegurar certa personalidade ao próprio jornal”⁴¹. O jornalista relata como chegou à elaboração das regras do *Diário Carioca*:

Eu li todos aqueles (*style-books*) de que dispunha, uma meia dúzia, e fiz uma adaptação à imprensa brasileira. Não criei nada: confrontei, via que uma coisa era interessante, outra não se aplicava ao Brasil, e assim, rejeitando umas coisas, incorporando outras, redigi o primeiro *style-book* da imprensa brasileira.⁴²

Para assegurar a aplicação das regras do manual é instituída a figura, também importada do jornalismo norte-americano, do *copydesk*: o redator do novo jornalismo objetivo. Para a nova função são recrutados jovens jornalistas, pois não deveriam trazer o ranço do jornalismo do *nariz-de-cera*. É como *copydesks* do *Diário Carioca* que iniciam suas trajetórias no jornalismo nomes como Armando Nogueira, Evandro Carlos de Andrade, Jânio de Freitas, José Ramos Tinhorão, Ferreira Gullar, Nilson Lage, entre outros. Pompeu de Sousa relata a reação da grande imprensa a essa mudança introduzida pelo *Diário Carioca*:

⁴⁰ Revista de Comunicação, 1988, 24.

⁴¹ Ibidem, 25.

⁴² Ibidem, 25.

Como era um jornal pobre, pequeno, que vivia nas maiores dificuldades financeiras, os grandes jornais deram de ombros e acharam graça e até ridículo naquele negócio. Inicialmente houve um momento de rejeição do organismo jornalístico, que reagiu com desprezo, com superioridade, àquele transplante, com a atitude de quem diz “esses meninos não sabem o que fazem”.⁴³

Apesar da resistência inicial, este modo objetivo de fazer jornalismo foi aos poucos sendo adotado pela imprensa, tendo marcado definitivamente a separação entre jornalismo e literatura, ajudando na consolidação do próprio gênero jornalístico. Logo os *copydesks* ganham um apelido marcante: “idiotas da objetividade”. O autor da alcunha era Nelson Rodrigues, literalmente criado no velho jornalismo, nas redações dos jornais de seu pai Mário Rodrigues: *A Manhã e Crítica*.

O conceito de objetividade proveniente dos Estados Unidos propunha que “os jornalistas passassem a seguir um método científico de apuração”⁴⁴, tendo a “educação jornalística como ponto central o estudo da prova e da verificação”⁴⁵. Ou seja, exatamente o oposto do que se praticava no jornalismo da primeira metade do século, que tinha um forte caráter ficcional, do qual o grande dramaturgo era um egrégio representante.

Ruy Castro descreve deliciosamente a objetividade do *Diário Carioca* e o ponto de vista de Nelson Rodrigues:

A busca da “objetividade” significava a eliminação de qualquer bijuteria verbal, de qualquer supérfluo, entre os quais os pontos de exclamação das manchetes - como se o jornal não tivesse nada a ver com a notícia. Suponha que o mundo acabasse. O “Diário Carioca” teria de dar essa manchete sem um mínimo de paixão. Nelson, passional como uma viúva italiana, achava aquilo um empobrecimento da notícia e passou a considerar os “copy-desks” os “idiotas da objetividade”. “Se o ‘copy-desk’ já existisse naquele tempo”, dizia, “os Dez Mandamentos teriam sido reduzidos a cinco”.⁴⁶

4.2- Os títulos no *Diário Carioca*

⁴³ Revista de Comunicação, 1988, 25.

⁴⁴ COSTA, C., 2005, 125.

⁴⁵ KOVACH & ROSENSTIEL apud COSTA, C., Ibidem, 125.

⁴⁶ CASTRO, R., 1992, 231.

Antes mesmo da adoção do *lead* e do *copydesk*, as mudanças começaram nos títulos, como afirma Pompeu de Sousa, que, passando a ser contados, tornam-se menores. Isto resulta, por exemplo, no fim do tratamento solene as autoridades, que passam a ser referidas simplesmente pelo nome⁴⁷. Deste modo, quando são instituídas as “Regras de Redação do Diário Carioca”, as regras para a titulação constituem um item específico.

Uma das regras dizia que o título devia “conter o máximo de informação”⁴⁸. Para conferir a aplicação desta regra vemos as manchetes do dia 1º de maio de 1953: “Continua de pé a reforma” (manchete principal); “Vargas Com Garcez e Juscelino”(subtítulo); “Hélio Braga Revoga o Monopólio”; “Obilon: Ficamos com o povo ou o governo”; “Tocou em Cannes o Hino do Brasil”; “Inquérito Parlamentar Sobre Jôgo”; “Acusado Lafer: Crime de Responsabilidade”; “Tôda a Polícia Alerta”.

De fato, verifica-se nestes títulos um caráter extremamente factual. Nota-se um esforço de pôr a informação maximamente condensada, de modo que a regra poderia recomendar “o máximo de informação no mínimo de espaço”. Ocorre que justamente pela condensação do estritamente factual, estes títulos acabam não contendo informações que contextualizem as notícias. As manchetes se apresentam como boletins informativos para quem está familiarizado principalmente com o contexto político. A quem está alheio ao correr dos acontecimentos da política nacional, de nada servirá os títulos, pois neles não está dito que Hélio Braga é presidente da Cofap, que a declaração de Obilon ocorreu na convenção da UDN, que Lafer é ministro da Fazenda, e de qual reforma trata a manchete principal, além de outras informações omitidas nas enxutas manchetes. Delas, depreende-se que o jornal pressupõe um leitor extremamente politizado.

Se existe uma imagem para caracterizar estas manchetes, podemos compará-las a pequenas pílulas informativas, por sua capacidade de sintetizar o fato. Mas essa vocação para a síntese das notícias às vezes as tornam inócuas, por falta de carga informativa. Entre os exemplos acima se destaca como uma notícia sem a mínima referência informativa necessária o seguinte título: “Tôda a Polícia Alerta”. Aí, não se pode imaginar do que se trata o título sem ler a matéria.

As manchetes do dia 3 de maio deixam ainda mais evidente esta busca do *Diário Carioca* pela síntese da notícia nos títulos, assim como a falta de contextualização que dificulta o seu entendimento mesmo para quem está familiarizado com o contexto político. Seguem-se elas:

⁴⁷ Revista de Comunicação, 1988, 26.

⁴⁸ Regras de Redação do Diário Carioca. In: Revista de Comunicação, 1988, 27.

“Repele a invasão”(principal); “Artur Santos: ‘Não Cairá Nossa Flama’”(subtítulo)

“Investida Anti-Ianque de Perón”

“Mostrando Mais Fôrça Que Vargas”

“UDN: Não Participação no Governo e Oposição”

“ ‘Não Sou Casada Nem Conheço Esse Homem’ ”

“Banco de Filhos e Casais Estéreis”

O título principal se refere à posse do presidente da UDN. Pela segunda vez (ver exemplo de 1º de maio) são transcritas as próprias palavras da personalidade na tentativa de sintetizar o fato, e pela segunda vez não é identificado o cargo do personagem. Esta forma de relatar a notícia, utilizando trecho de discurso de personalidades, é comum no jornal. Os dois últimos exemplos do dia 3 de maio dizem respeito ao mesmo assunto, mas chegar a esta conclusão não é simples. Vê-se claramente que o jornal confia na inteligência do seu leitor, de modo que não se preocupa em explicar muito nos títulos. Cabe a este leitor fazer, com sua “bagagem” cultural, as ilações necessárias para o entendimento dos títulos.

A objetividade na redação das notícias, representada nos títulos pela máxima condensação do conteúdo informativo, não elimina a manifestação da parcialidade do jornal. A partir da adoção desta técnica jornalística importada dos Estados Unidos, muito já se confundiu objetividade com imparcialidade em um veículo de informação. Neste ponto, é importante salientar que a grande mudança introduzida pelo *Diário Carioca*, seguida logo depois pela *Tribuna da Imprensa* e pelo *Jornal do Brasil*, foi relacionada eminentemente a técnica do relato da notícia, tendo os títulos ainda sido modificados pela adoção dos espaços contados. Assim, nas “Regras de Redação do Diário Carioca”, não há nenhuma recomendação relativa à adoção de uma postura imparcial; recomenda-se apenas o uso de técnicas que devem contribuir para tornar o relato objetivo. O fato de recomendar o não uso de “qualificativos, principalmente, tendenciosos”⁴⁹, não significa a extirpação da parcialidade do jornal.

Assim encontramos exemplos de títulos como o acima citado “Mostrando Mais Fôrça Que Vargas”, em que está explícita para o bom entendedor a opinião do jornal. Este pode ser tido como objetivo, no sentido de expressar a opinião de forma direta, mas não imparcial, nem mesmo pretensamente imparcial, estando clara a voz pessoal do jornal, embora esta seja fria e

⁴⁹ Regras de Redação do Diário Carioca. In: Revista de Comunicação, 1988, 26.

discreta se comparada aos títulos de *Crítica* e até do *Correio da Manhã*. Seguem-se outros exemplos em que se percebe a voz opinativa do jornal:

“No Campo do Anekótico a Reforma Ministerial”(capa, 6 de maio)

“Completo Fracasso a Visita de Vargas a Volta Redonda”(página 3, 6 de maio)

“Alarmante a epidemia de Paralisia”(capa, 8 de maio)

“Alencastro Acentua a Inutilidade da Cofap”(página 3, 9 de maio)

“Apodreceu a Candidatura de Ademar à Presidência”(capa, 10 de maio)

“Grave Crise Naval”(capa, 10 de maio)

Estes títulos se caracterizam por não ter um caráter factual, sendo este substituído pela opinião, lembrando muitos títulos do *Correio da Manhã* e de *Crítica*. Algumas opiniões nos títulos são discursos de figuras públicas:

“Reformar a Lei Eleitoral Para Moralizar as Eleições no País”(página 3, 3 de maio); “Caminho Indispensável à Revitalização Democrática dos Partidos Políticos- Diálogo Para a Moralização- Erros a Evitar- Fala ao DIÁRIO CARIOCA o sr. Azevedo Lima”(subtítulo)

“A Jogatina Campeia Livre em Todo País”(página 3, 5 de maio); “Ismar de Góis Denuncia o Jôgo Franco e Pedê Providências Para Repressão ao Mesmo-Súmula”(subtítulo)

“Illegal e Escandalosa a Compra do Cadillac Por Horacio Lafer”(página 3, 7 de maio); “Declara o Senador Alencastro Guimarães, Atacando o Ministro da Fazenda a Respeito do Caso do Automóvel Adquirido em Nome do Ministério da Fazenda”(subtítulo)

“Não é Possível Produzir Lucros Com Uma Frota Obsoleta”(página 5, 9 de maio); “O Almirante Lemos Bastos, Diretor do Lloyd Brasileiro, Revela Que a Crise de Transportes Marítimos Atingiu Navegação de Longo Curso e a de Cabotagem- Proposta Ianque Para a Troca de Navios do tipo ‘Rio’ Por Algodão”(subtítulo)

Fairclough, numa análise do jornal inglês *The Sun*, atenta para o caráter ambíguo das manchetes que representam discurso de personalidades, que podem ser confundidas com a opinião do jornal quando não apresentam oração relatora, nem aspas. É o caso destes títulos, cuja informação de representar um discurso está apenas no subtítulo⁵⁰. Fairclough identifica aí uma “ambivalência de voz”, devido à forma lingüística ambígua das manchetes.

⁵⁰ FAIRCLOUGH, N., 2001, 141.

Apesar de alguns títulos opinativos, o *Diário Carioca* se caracteriza mesmo pela predominância de títulos relatadores impessoais. Seguem-se algumas sequências destes títulos:

“Dispensa em Massa de Servidores do DNER”; “Lucros Regulares Para Todos os Tipos de Pão”; “Só a Câmara Decidirá o Caso dos Telefones”; “Exonerada a Comissão Dos Anistiados”(página 12, 1º de maio)

“Participação de Delegados da Grã-Bretanha Nas Conversações do Armistício na Coréia”; “Eisenhower Reduziu os Verbos do Plano de Ajuda ao Exterior”; “Dispensa a França a Ajuda Inglesa”; “Investigação no Brasil Dos atos Contra Perón”(página 2, 6 de maio)

“Revisão nos preços dos remédios”; “Definição Sobre o Aumento Dos Empregados da Light”; “Reunem-se os Delegados do Sindicato Dos Trabalhadores Nas Indústrias de Energia Elétrica e Gás do Rio de Janeiro”(subtítulo); “Falaram ao Governador os Grevistas de Morro Velho”(página 12, 7 de maio)

“Tabela Para Aumento Dos Trabalhadores da Energia”; “Suborno Para Manter os Caminhões. “Suspeita Levantada na Câmara”(subtítulo); “Cinquenta Mil Litros D’água Postos no Leito”; “Ficará o Pescado Sob Tabelamento”; “Fixados os Preços do Arroz”; “Almoço a Cr\$20,00 em Todos os Restaurantes”(página 12, 8 de maio)

Estes títulos são iniciados por substantivos ou verbos, e destituídos de adjetivos e advérbios, assim como de artigos no início da frase. Percebe-se neles uma intenção de ir direto ao fato. Por outro lado, os títulos não aprofundam nem um pouco as informações, sendo imprescindível a leitura das matérias para se ter um entendimento razoável dos fatos.

“Conter um verbo, explícito ou implícito; de preferência, na voz ativa e no presente ou no futuro” é a regra referente ao emprego de verbo nos títulos do *Diário Carioca*⁵¹. Não há outra regra. No entanto, nota-se uma grande quantidade de títulos em que o verbo inicia a frase, vindo, portanto, antes do sujeito, como a dar impacto ao relato. Vejamos:

“Esmurrado na Câmara o Vereador Comunista”(1º de maio, página 12); “Irritou o Colega, Com um Discurso Laudatório à Rússia, a Pretexto de Falar Sobre o Primeiro de Maio - Tão Rápido, Que a Sessão Continuou”(subtítulo)

“Assumi Garcez o Comando”(capa, 5 de maio)

“Permaneceram Dentro da UDN as Duas Alas”(capa, 5 de maio)

⁵¹ Regras de Redação do Diário Carioca, In: Revista de Comunicação, 1988, 27.

“Exigem os Aliados Seja Aceito o Paquistão Como ‘País Neutro’”(página 2, 5 de maio)

“Propõe o Senador Wiley Que os Estados Unidos Forneçam Esses Destruidores Engenhos Bélicos as Forças Combatentes Francesas”(subtítulo, página 2, 5 de maio)

“Dispensa a França a Ajuda Inglesa”(página 2, 6 de maio)

“Denunciado Surto de Tifo no Leblon”(página 3, 6 de maio)

“Continuam as Prisões na Argentina”(capa, 7 de maio)

“Recusaram os comunistas a repatriação voluntária”(página 2, 7 de maio)

“Falaram ao Governador os Grevistas de Morro Velho”(página 12, 7 de maio)

“Recuaram às Portas da capital de Laos os Exércitos dos Invasores Comunistas”(página 2, 8 de maio)

“Danificados os Destróieres Pelas Bombas Comunistas”(página 2, 8 de maio)

“Expõe o Ministro da Agricultura o Caminho Para Socorrer o Nordeste”(subtítulo, página 3, 8 de maio)

“Ficará o Pescado Sob Tabelamento”(página 12, 8 de maio)

“Assusta a Cidade o Surto de Paralisia”(capa, 9 de maio)

“Condenado na Itália o Deputado Brasileiro”(capa, 9 de maio)

“Recusarão os EE.UU. a Proposta Dos Comunistas Para o Armistício”(página 2, 9 de maio)

“Desaprova a França a ‘Internacionalização’ do Conflito a retomará Qualquer Atitude de Acôrdo Com Aquêlê País Asiático”(subtítulo, página 2, 9 de maio)

“Subirá o Amazonas Por Mais 45 Dias”(página 2, 9 de maio)

“Duvidam as Nações Unidas da Sinceridade do Plano Russo”(página 2, 10 de maio)

“Capturado Pelos Comunistas um trem Das Fôrças Indochinesas”(página 2, 10 de maio)

“Defende o Procurador Geral da República a Incompetência da J. do Trabalho”(página 12, 10 de maio)

“Visita o Rio a Imagem Peregrina de N.S. Fátima”(página 12, 10 de maio)

Essa construção gramatical enfatiza a ação do fato. Nota-se nos numerosos exemplos que os verbos no início das frases aparecem tanto na voz ativa quanto na passiva, assim como no presente, no passado e no futuro. Verifica-se também que o artigo que em *Correio da Manhã* e *Crítica* iniciava os títulos, aqui é deslocado para trás do verbo, mas permanece anunciando o sujeito.

4.3- *Última Hora*

Surgido como arma política de suporte ao governo de Getúlio Vargas, *Última Hora* marcou rapidamente seu nome na história da imprensa brasileira ao trazer uma série de inovações para o jornalismo impresso, acompanhadas de um enorme sucesso de vendas. A retórica populista, aliada a uma diagramação inovadora e uma agressiva estratégia de marketing, baseada numa concepção empresarial inédita no jornalismo brasileiro, explicam parte do sucesso imediato do jornal, que em 12 de junho de 1951 era anunciado pela primeira vez nas bancas. Maurício Azêdo, redator do jornal, cita as características que considera responsáveis pelo êxito da publicação:

Samuel(Wainer) concebeu um jornal capaz de alcançar grandes tiragens e penetrar em todas as camadas da população sem cair ao nível de leitores semiletrados e igualmente embrutecidos... A fórmula era aparentemente simples, mas só a aguçada sensibilidade jornalística de Samuel teve a acuidade de perceber isso no começo dos anos 50, quando criou o jornal. Tratava-se de casar no mesmo veículo o noticiário político, a informação sindical, a reportagem e o comentário esportivo e a cobertura policial ágil, audaciosa, revestida de pretensões romanescas. Emoldurando essa fórmula aviventada por ousadias e pioneirismos em matéria de diagramação e cobertura fotográfica, as informações e os comentários sobre entretenimento e mais um excepcional elenco de cronistas e colunistas para todos os gostos e prazeres.⁵²

Theodoro de Barros vê *Última Hora* como um marco para a imprensa popular:

Jornal político em suas origens, *Última Hora* marcaria o surgimento de uma imprensa popular de grande circulação. Este tipo de imprensa era, até então, inexistente no País, mais pela tradição dos grandes jornais, cada um voltado para camadas específicas das classes sociais cujos interesses representavam, do que por causa dos métodos antiquados de produção e das deficiências das comunicações.⁵³

⁵² AZÊDO, M., In: A Última Hora de Samuel: Nos tempos de Wainer, 1993, 133, 134.

⁵³ BARROS, T., In: A Última Hora de Samuel: Nos Tempos de Wainer, 1993, 16.

Deste modo, o grande feito do jornal de Samuel Wainer foi, sendo um jornal de caráter popular, alcançar grande penetração em todas as classes sociais.

Com uma veia claramente populista, *Última Hora* tinha como característica marcante a demonstração da defesa dos interesses do povo, inclusive publicando suas reivindicações, ao mesmo tempo em que, como defensor de Vargas, exaltava as conquistas do líder em prol dos trabalhadores.

4.4- Os títulos em *Última Hora*

Alguns dos títulos principais do jornal nas edições pesquisadas de 2 a 9 de maio de 1953 evidenciam as características acima relatadas. O jornal chega a se colocar como porta-voz de Getúlio Vargas. A manchete principal do dia 2 de maio traz uma frase dita pelo presidente em discurso do 1º de maio: “Está Morrendo o Mundo do Egoísmo e da Injustiça”. Acima, o antetítulo em corpo bem menor explica: “Vargas Anuncia em Volta Redonda”. Aqui, identifica-se um exemplo ainda mais explícito do que Fairclough chama de “ambivalência de voz”. Como o jornal é claramente pró-Vargas, não resta dúvida que o efeito pretendido é mesmo a ambiguidade. *Última Hora* é, neste caso, um palanque para o líder, para o discurso do líder. Isto é ainda mais acentuado pelo fato de a frase do discurso não trazer nenhuma notícia concreta, e sim, mera retórica. Foram encontrados outros dois exemplos do dia 7 de maio em que se pode identificar essa “ambivalência de voz”, sempre com discursos elogiativos ao governo Vargas:

“Nenhum governo auxiliou o Nordeste como o atual”(capa, 7 de maio); “Cleofas Fará na Câmara o Elogio de Vargas”(antetítulo)

“Vargas Recomendou a Aprovação da Tese Nacionalista Para o Petróleo”(capa, 7 de maio); “O Líder da Maioria no Senado”(antetítulo)

O caráter de porta-voz do presidente pode ser notado mais concretamente na manchete principal do dia 6 de maio, que afirma o seguinte: “Vargas não Entregará o Petróleo”. O antetítulo, sempre em corpo bem menor, explica as nobres intenções do presidente: “Na Defesa Dos Interesses do Povo Brasileiro e da Política de Boa-Vizinhança”

É mesmo explicitamente que *Última Hora* se posiciona a favor de Vargas, se valendo, como no antetítulo anteriormente citado, de uma retórica populista, chegando a fazer propaganda aberta a favor do presidente. O exemplo mais explícito dessa propaganda talvez

seja a manchete principal do dia 9 de maio. Ei-la: “Vargas Salva agora a previdência Social”. Antetítulo: “Depois de Criar Todo um Poderoso Instrumento de Paz Humana”. Este antetítulo, pela retórica verborrágica que beira a irreabilidade, chega a lembrar alguns títulos de *Crítica*.

A retórica populista é utilizada tanto para o jornal reivindicar melhores condições aos trabalhadores, como para demonstrar que o governo de Vargas está trabalhando pelo povo, como é o caso do já citado antetítulo da manchete principal do dia 6 de maio. Como afirma Carla Siqueira, num artigo sobre sensacionalismo nos jornais populares dos anos 50, em *Última Hora* “as denúncias das mazelas vividas pelos trabalhadores foi sempre atenuada pela afirmação do empenho do presidente Vargas e do próprio jornal na solução dos problemas”⁵⁴. Vejamos alguns destes casos em que a retórica populista se faz presente:

“O Ministerio do Trabalho Contra os Trabalhadores”(capa, 2 de maio)

“Execução Imediata de Mais Esta Reivindicação dos Trabalhadores, Anunciada Pelo Presidente Vargas no Discurso de Volta Redonda”(subtítulo da manchete principal, 5 de maio)

“Desrespeito Completo às Leis Trabalhistas”(manchete principal, 5 de maio, edição vespertina)

“O Povo apanha chuva para esperar o trem”(capa, 5 de maio, edição vespertina)

“Salário mínimo compatível com as necessidades atuais”(manchete principal, 7 de maio, edição vespertina); “Desta Vez os Trabalhadores Serão Atendidos Plenamente”(antetítulo)

“Mais um Tijolo Nas Casas Dos Operários da Construção Civil”(capa, 7 de maio, edição vespertina)

“De Parabéns os Trabalhadores Que Descontam Para a Previdência”(capa, 7 de maio, edição vespertina)

Vê-se nestes exemplos que o jornal busca obter uma relação de estreita proximidade com a classe proletária, com destaque para os dois últimos, que intentam transparecer ao trabalhador uma relação de companheirismo. Desta forma, vários títulos se referem especialmente a classe trabalhadora. Seguem-se eles:

“Reestruturação dos Funcionários da Prefeitura”(manchete principal, 4 de maio); “Passo fundamental para a”(antetítulo: a frase se inicia com o antetítulo em corpo bem menor que o restante na manchete principal)

⁵⁴ SIQUEIRA, C., 2005, 4.

“300 Mil Operários Já Entraram em Dissídio”(capa, 4 de maio);
 “Mais 70.000 Trabalhadores Pedem aumento”(antetítulo)

“Sede Própria para os Sindicatos”(manchete principal, 5 de maio); “O IAPI Financiará a Construção ou aquisição da”(antetítulo)

“Um enviado de Vargas Para Tentar o Fim da Greve em Morro Velho”(página 4, 5 de maio); “Continuam de Braços Cruzados 5100 mineiros”(antetítulo)

“70% de Aumento para 45 mil trabalhadores”(página 4, 5 de maio);
 “Reclama a Construção Civil”(antetítulo)

“Exigem os Metalúrgicos a posse da diretoria eleita”(capa, 6 de maio, edição vespertina)

Nota-se no título que noticia a intervenção de Vargas na greve em Morro Velho como o jornal trata com brandura esta ação. Outros títulos tratam de mais assuntos que importam no cotidiano das classes baixas:

“Não Há Vias de Acesso Para Atingir Cascadura”; “Verduras e Cereais em Cosmos Mais Caros Que em Copacabana(capa, 5 de maio, edição vespertina)

“Subnutrição, grave problema de Cosmos” (página 4, 5 de maio, edição vespertina); “Apenas de Duas a Seis Famílias São Convenientemente Alimentadas - Os Casos Que Mais Pesam São os de Tuberculose”(subtítulo)

“A COFAP Provoca a Queda do Preço de Arroz”(capa, 7 de maio);
 “Redução Vertiginosa de 50 por cento”(antetítulo)

“Chegou Banha Americana Para Toda a População”(página 2, 7 de maio)

Estes títulos tentam uma comunicação direta com o leitor, no caso, a população de baixa renda, tratando exatamente daquilo que interessa imediatamente a ele, ressaltando o que na notícia é mais atraente ao leitor em lugar do mais factual, que, ou é deslocado para o antetítulo, como complemento da informação do título, ou nem aparece em destaque. No primeiro exemplo, a manchete principal “Reestruturação Dos Funcionários da Prefeitura” não representa nem uma notícia, já que o antetítulo em corpo bem menor informa que há apenas “um passo fundamental” para tal. O último dos exemplos transcritos revela como o jornal se coloca abertamente como um divulgador de notícias para o povo. Em determinados títulos deste caráter, nota-se uma auto-suficiência nas negações taxativas do jornal:

“Sem Fundamento a Notícia de Tifo e Meningite no Leblon”(capa, 4 de maio)

“Não há ameaça de greve na Marinha”(capa, 5 de maio)

“A Cidade não ficará sem condução”(capa, antetítulo, 5 de maio);
“Licença Para Novas Empresas de Ônibus”(título)

“Não há Perigo de Faltar Pão”(página 2, título de box, 7 de maio)

“Não há surto de febre amarela”(página 8, 8 de maio)

Esta característica também aparece no já citado “Vargas não Entregará o Petróleo”. Há nessas negações, uma preocupação do jornal em colocar-se como uma garantia, como se representasse o poder público, o que pode não ser por acaso para um jornal que apoiava peremptoriamente as ações do governo federal. O último exemplo citado, referente pessoalmente a Vargas, certamente não é acaso.

Deve-se, sobretudo, ressaltar que também o *Última Hora* adota uma forma mais objetiva de relatar os títulos, sendo estes bem menores do que os jornais dos anos 20. Está, neste aspecto, mais próximo da forma de enunciação dos títulos no *Diário Carioca*, também adotando a concepção de um jornalismo mais objetivo. No entanto, pelas retóricas populista e sensacionalista, presente esta principalmente nos *faits-divers* que veremos a seguir, podemos vê-lo como herança de um tipo de jornalismo anterior a concepção de jornalismo moderno, sendo herdeiro direto de *Crítica*.

4.5- Os títulos nos *Faits-Divers* em *Última Hora* e *Diário Carioca*

Se nos jornais dos anos 20 os *faits-divers* se dispunham nas páginas internas, geralmente em pequenas notas, com apenas alguns textos nesta linha ganhando uma cobertura maior, sobretudo em *Crítica*; nos anos 50, verifica-se uma diferença grande entre *Última Hora* e *Diário Carioca* com relação ao espaço destinado a eles. Enquanto no último, a exemplo dos jornais nos anos 20, os *faits-divers* estão nas páginas internas, também majoritariamente em pequenas notas, no primeiro eles chegam à capa do jornal, compondo também a maioria das notícias da publicação.

Os *faits-divers* presentes nas manchetes de *Última Hora* noticiam acontecimentos que têm sequência nas capas seguintes, à maneira dos folhetins que se desenvolviam diariamente nas capas dos jornais. Eis alguns desses exemplos presentes nas capas entre as edições de 2 e 9 de maio de 1953:

“O Diabo Carregou o Padre Montado a Cavalo nas Costas”(2 de maio)

“Sensacional ‘Furo’ de ‘Última Hora’”(4 de maio); “Vestido de Padre, o Repórter Ouviu o Diabo à Meia-Noite”(subtítulo)

“Positivado: Sônia Vitima de um Crime”(4 de maio)

“O Lavrador Prometeu A filha ao diabo em troca da fortuna”(5 de maio)

“Entre Angélica e Teotônio a autoria da morte de Sônia”(5 de maio); “Estava Dentro da Mansão, o Criminoso”(antetítulo)

“Até no Colégio de Freiras o Diabo Apareceu à Natalina”(6 de maio)

“Dentro de 48 Horas, Será Conhecido o Matador de Sônia”(7 de maio); “Surge uma carta misteriosa no drama da mansão paulista”(antetítulo)

“A Solução é Batizar o Exu de Borda da Mata” (7 de maio); Para os Espíritas, Trata-se de um Espírito Sem Luz...”(antetítulo)

“Voz misteriosa persegue os repórteres na estrada”(9 de maio); “ ‘Ser ou não Ser’, Eis o Problema - Três Horas de Torturas Psicológicas Numa Rodovia do Interior de Minas - Uma Bofetada Imaginária? - De Estarrecer o Fenômeno de Borda da Mata”(subtítulo)

“O Milionário Apontado à Justiça Como o Possível Autor da Morte de Sônia”(9 de maio); “Nada de definitivo no inquérito policial”(antetítulo)

Identifica-se nestas manchetes dois “casos” cujo desenrolar é coberto diariamente pelo jornal. Um, aparentemente verdadeiro, outro, tratando do sobrenatural, com fortes indícios de ser ficção. Ambos recebem um tratamento folhetinesco. A diferença aqui, com relação aos “folhetins” de *Crítica* e *Correio da Manhã*, é que há um acompanhamento em “tempo real” dos acontecimentos, enquanto os jornais antigos noticiavam o fato quando já estava encerrado. De certo modo, estes *faits-divers* de *Última Hora* por estarem na capa da publicação e se estenderem por mais dias se assemelham até mais aos folhetins. Por outro lado, não apresentam aqueles títulos romanescos iniciados com artigo, típicos dos jornais dos anos 20, e sim relatos mais factuais, atualizando o desenrolar dos acontecimentos. Uma das manchetes acima, num procedimento já visto em *Crítica*, faz uma auto-referência ao jornal.

Verifica-se também que o elemento melodramático, embora não tão marcadamente presente como em *Crítica*, aparece claramente em manchetes como “Surge uma carta

misteriosa no drama da mansão paulista”. O esquema aqui é o mesmo do encontrado nos *faits-divers* dos anos 20, o papel do título parece ser mais o de sugerir do que de informar com clareza. Isso se repete em vários títulos de *fait-divers* nos dois jornais pesquisados. Nos títulos acima, por exemplo, são utilizados ponto de interrogação e reticências, além de palavras como “mistério” e “misterioso”: recursos folhetinescos que chamam o leitor para dentro do texto. Abaixo, vários exemplos encontrados em *Última Hora* e *Diário Carioca* em que prevalece nos títulos o caráter sugestivo em detrimento de uma informação mais consistente:

Diário Carioca

“Desastre na Rio-São Paulo”(capa, título de foto, 1º de maio)

“Crime de Morte no Mercado Municipal”(página 7, 3 de maio); “A Briga Como Fiança de um Quarto Acabou em Assassinato”(subtítulo)

“Irene Unger é ainda um grande mistério”(página 8, 6 de maio); “Dois Ladrões Internacionais Agiam Com Grande Sucesso em Copacabana”(página 8, 6 de maio)

Última Hora

“A História do Contrabandista e a Dama da Sociedade Carioca”(página 5, 2 de maio)

“Botaram arsênico na Compota e envenenaram toda a família”(página 7, 5 de maio); “Mãos Criminosas, agindo Misteriosamente”(antetítulo); “Tem uma estranha sedução pela cadeia”(página 7, 5 de maio)

“Morte no ‘Paraíso das Maravilhas’”(página 9, 5 de maio, edição vespertina); “De Madrugada o cadáver foi Banhado na piscina do Clube grã-fino”(antetítulo); “Crivado o Corpo do engenheiro por 28 punhaladas”(subtítulo)

“Audacioso assalto na rua Tuiuti”(página 6, 7 de maio); “Narcotizaram a família inteira.”(antetítulo)

Dois dos exemplos transcritos seguem o modelo dos títulos de folhetins, os de *Última Hora* das edições de 2 de maio e 5 de maio (vespertina). Os títulos acima citados têm em comum o fato de omitirem informações fundamentais para o conhecimento do ocorrido, privilegiando muitas vezes circunstâncias sensacionais do fato; representam uma característica marcante dos *faits-divers*, que é ser um relato episódico e descontextualizado. Em alguns títulos esta qualidade está ainda mais evidente, muitos dos quais trazem o elemento humorístico e pitoresco.

Diário Carioca

“Paulada Evita Quase Facada”(página 7, 4 de maio); “Matou o Colega com Pedra de 18 Quilos”(página 7, 4 de maio)

“Pagaram o Chofer Com Uma Facada Nas Costas”(página 8, 5 de maio); “O Contrabandista passou mas as calcinhas ficaram”(página 8, 5 de maio)

“Morreu afogado com três dias de casado”(página 8, 8 de maio); “A Fábrica Ficou em Cinzas”(página 8, 8 de maio); “Defeito em 14 irmãos”(página 8, 8 de maio); “Foi Salvar o amigo e morreram os dois”(página 8, 8 de maio)

“Cabeças e Pratos Quebrados na Guerra de Duas Mulheres”(página 8, 9 de maio); “A Esposa e a Amante de Domingos Brigaram na Cozinha”(subtítulo); “Assou no Espêto as Orelhas do Policial”(página 8, 9 de maio); “Matou o Rapaz e Convidou Seus Pais Para o Almoço Macabro- Serviu a Comida, Antegozando a Homenagem”(página 8, 9 de maio); “Mau Negócio: Trocou 20 Dólares Por Duas Notas de Cr\$10,00”(página 8, 9 de maio); “O Ônibus Fantasma Matou 3 Crianças”(página 8, 9 de maio)

“Tocaram Fogo no Cachorro”(página 8, 10 de maio); “Agredido o Botafoquense Pelo Português do Vasco”(página 8, 10 de maio); “Morto o Rapaz Com Uma Punhalada no Coração”(página 8, 10 de maio)

Última Hora

“O negociante pereceu afogado”(página 5, 2 de maio); “Atropelado”(página 5, 2 de maio); “Com um tiro na Perna”(página 5, 2 de maio); “Mais de 10 mil Números de Telefones Arquivados na Memória”(página 7, 2 de maio)

“Assalto e Tentativa de Estrangulamento”(página 2, 4 de maio); “Esfaqueado Pelo Irmão de Sua Companheira”(página 4, 4 de maio); “Do interior de um auto atiraram sobre um bonde”(página 5, 4 de maio); “Os assaltantes amarraram o vigia”(página 5, 4 de maio); “Assaltaram Quatro vezes a mesma casa”(página 5, 4 de maio); “Desarmou o guarda e com o revólver baleou o motoneiro”(página 7, 4 de maio)

“Agredido a faca”(página 2, 5 de maio); “O Laráprio Tentou Contra a Vida”(página 7, 5 de maio)

“Só um confessou que é mesmo ladrão”(página 7, 6 de maio); “Tiro no pescoço do patrão”(página 7, 6 de maio); “Tiro no Frontal”(página 7, 6 de maio); “Atendeu com um tiro”(página 7, 6 de maio); “Russo Atropelado”(página 7, 6 de maio); “Facada nas costas”(página 7, 6 de maio)

“De surpresa, agrediu a esposa”(página 7, 7 de maio); “Comida Podre”(página 7, 7 de maio)

“Deitou-se na Linha e Esperou o Trem”(página 2, 8 de maio); “Abatido com um tiro no coração”(página 7, 8 de maio); “Outro tarado”(página 7, 8 de maio); “Teve Morte Súbita”(página 7, 8 de maio)

Estes títulos, alguns extremamente curtos, em geral noticiam uma circunstância do fato que não necessariamente é a mais esclarecedora do acontecimento. Em muitas ocasiões o sujeito é omitido, ou mesmo a frase não possui verbo, deixando ainda mais vaga a informação. A localização do fato, por exemplo, é sempre omitida no título. Pedroso descreve essa forma de enunciação dos títulos dos *faits-divers*:

O engendramento discursivo da manchete é marcado pelo emprego regular de determinantes indefinidos que anunciam uma notícia... e, que não remete, aparentemente, a uma cultura implícita do leitor, mas a conteúdos precisos de informação sobre acontecimentos singulares identificados.⁵⁵

Observando estes títulos também pelos assuntos a que se referem, pode-se dizer que eles têm a frieza e a crueza do necrotério, dando, ao se repetirem, uma conotação banal aos acontecimentos. Aqui se encontra uma diferença em relação aos títulos majoritariamente melodramáticos de *Crítica*, embora este jornal também publicasse esses títulos “frios”.

Contrastando com a omissão da localização espacial e muitas vezes do sujeito, há em alguns títulos de pequenas notas, uma personalização dos participantes das ocorrências, sobretudo meliantes, que passam a ser chamados pelo nome ou apelido. Vemos alguns exemplos:

Diário Carioca

“Presos Ontem os Homicidas Pião e Canela” (página 8, 6 de maio)

“No Tiroteio de Mangueira, Cutu Matou Montanha e Saiu Baleado”(página 8, 7 de maio)

“A. Pimenta Rondou a Esplanada Procurando Tabajaras”(página 8, 9 de maio)

Última Hora

“ ‘Maria Cabeleira’ navalhou a companheira”(página 5, 2 de maio)

⁵⁵ PEDROSO, R. N., 1983, 83, 84.

“Prêso Todo o Bando de ‘Tião’- Entre os Meliantes um Assassino e Diversos Ladrões- Detidas também 3 mulheres Que Serviam de ‘Isca’-Confessa ‘Capela’ Como Matou o Padeiro”(subtítulo, página 7, 6 de maio)

“Morto o facinora ‘montanha’ no tiroteio de mangueira”(página 7, 7 de maio)

“Pimenta errou os tiros”(página 7, 8 de maio)

Esta personalização revela a familiaridade que a imprensa passa a ter com a realidade do morro, passando a cobrir os eventos que começam (e iriam num crescendo) a influir na vida urbana.

As considerações feitas acerca dos *faits-divers* em *Última Hora* e *Diário Carioca* evidenciam que esse gênero de notícias fica um pouco deslocado das mudanças ocorridas na imprensa dos anos 50, com a introdução do *lead*. Embora haja diferenças entre os títulos dos *faits-divers* analisados nos anos 50 e nos anos 20, é indubitável que neles prevalece a sugestão em lugar da objetividade e o sensacional sobre o puramente factual.

5- A sobrevivência do *Fait-Divers* no jornalismo do século XXI: O caso do *Meia-Hora*

Tomando como momento divisor da forma de expressão no jornalismo impresso a introdução do conceito e da técnica importados dos Estados Unidos nos anos 50, verificamos as diferenças de enunciação dos títulos dos jornais dos anos 20 e 50. Constatou-se também que nos títulos do gênero de *fait-divers*, especialmente abordados neste trabalho, não houve mudanças significativas no que diz respeito à introdução de uma forma mais objetiva de relatar, permanecendo de certa forma alheios ao paradigma de objetividade que passaria a

ditar os rumos do jornalismo moderno. Como a nova concepção de jornalismo viria combater um tipo de imprensa que tinha no *fait-divers* um importante componente, a própria sobrevivência desse gênero, inclusive em jornais destinados a um leitor de nível sócio-cultural elevado, como o caso do *Diário Carioca*, já sinaliza sua peculiar importância.

Uma vez constatada a sobrevivência e integridade deste gênero neste período de três décadas em que o jornalismo impresso se transformou substancialmente, é intenção deste trabalho saber como o *fait-divers* persiste no jornalismo atual, seis décadas após introdução do paradigma da objetividade no jornalismo.

O fato é que a partir da década de 50, os *faits-divers* foram perdendo cada vez mais espaço nos jornais destinados as classes de nível sócio-cultural maior, considerados jornais de referência. No *Jornal do Brasil*, por exemplo, são poucos os exemplos deste gênero de notícia encontrados nas edições de 1º a 10 de maio de 1977. O que passa a ganhar destaque nestes jornais são as ocorrências de violência individual, como roubos e homicídios, com a ótica de que se trata do problema maior da violência urbana. Por outro lado, proliferam os jornais destinados as camadas populares, como *O Dia* e *Luta Democrática*, que, em linguagem sensacionalista, tratam dos problemas que nos jornais de referência são relacionados a segurança pública, de forma episódica e descontextualizada, ou seja, como meras ocorrências de *fait-divers*.

Hoje, na imprensa carioca, após o fim do *Jornal do Brasil* impresso, em agosto de 2010, há apenas um jornal da grande imprensa destinado ao público de nível sócio-cultural mais elevado: *O Globo*. Este segue a tendência de não noticiar *faits-divers*. Para o leitor de nível “intermediário” há *O Dia* e *Extra*, que já dão mais espaço a essas ocorrências, sobretudo as relacionadas à vida de celebridades. Apenas dois jornais, dentre os de maior distribuição, se dedicam abertamente a publicação dos *faits-divers*, tornando-os seu principal componente: *Expresso* e *Meia-Hora*. Este último, por ter sido o primeiro a retomar o jornalismo baseado nos *faits-divers* e por ser o de mais estrondoso sucesso, repercutindo inclusive na elite letrada, terá seus títulos analisados aqui.

Criado em 2005, pertencente ao grupo do jornal *O Dia*, o *Meia-Hora*, inicialmente vendido a 50 centavos, se tornou logo sucesso de vendas. Destinado as classes C e D e com formato tablóide, ideal para se ler na rua, no trabalho, ou no transporte público, logo passou a disputar o espaço do *Extra*, como jornal mais popular entre a população de baixa renda. Isso resultou na criação por parte das *Organizações Globo* do jornal *Expresso*, com formato idêntico ao *Meia-Hora*, que se constitui hoje no seu principal concorrente. De certo modo o

Meia-Hora passou a ocupar a função de *O Dia*, que nos anos 2000 foi se tornando um jornal destinado cada vez mais à classe média.

Desta forma, atualmente a imprensa carioca tem muito bem delineada a colocação dos jornais no seu público alvo: *O Globo* para as classes A e B, *Extra* e *O Dia* para as classes B e C e *Meia-Hora* e *Expresso* para as classes C e D.

No *Meia-Hora* os *faits-divers* estão já nas manchetes, que são impactantes, sensacionalistas mesmo. Elas costumam ressaltar o aspecto sensacional e pitoresco do acontecimento, numa linguagem até mais expressiva da que a empregada muitas vezes nos *faits-divers* dos jornais analisados nos anos 20 e 50, sobretudo na comparação com aqueles títulos de pequenas notas. Ainda na comparação com os jornais antigos, as manchetes dão a informação de forma mais objetiva, até porque é mesmo nelas que está o conteúdo mais sensacional da notícia. Os textos são relatos meramente objetivos, geralmente sem nada mais de relevante a revelar do ponto de vista de um jornal sensacionalista, além da informação que está na manchete. Nisto vê-se uma diferença em relação aos *faits-divers* dos anos 20 e 50, cujo caráter sugestivo dos títulos era “justificado” por textos recheados com detalhes do acontecimento; aqui as manchetes valem por si mesmas, pois os textos diferem inteiramente do caráter sensacionalista dos títulos. Vemos alguns exemplos destas manchetes expressivas:

“Louco invade jardim de infância e ataca cinco crianças a marteladas”(1º de maio); “Depois se matou”(antetítulo)

“Maluco abre cova e rouba pé de defunta”(5 de maio); “Homem corta cadáver com machado e sai pela rua com a ‘lembrancinha’ na bolsa”(subtítulo)

“Casal aumentava som para torturar bebê de 1 aninho”(7 de maio); “Mãe e padrasto espancavam criança e deixavam a música bem alta para vizinhos não ouvirem choro”(subtítulo)

“Polícia caça suspeito de matar a ex e esconder corpo na mala”(9 de maio); “Bolsa de viagem com cadáver foi jogada em canal”(antetítulo)

“Grávida crava punhal no peito do marido”(10 de maio); “Barriguda perde a cabeça depois de discussão boba e mata o companheiro”(subtítulo)

“Matou a mãe e enterrou no quarto”(14 de maio); “Monstro encheu a coitada de marteladas só porque ela mandou desligar a TV”(subtítulo)

“Morto a tiro aparece sentado em cova aberta”(17 de maio)

“Garoto é torturado e morto”(18 de maio); “Crueldade na zona norte”(antetítulo)

“Roubou cabelo da esposa para comprar crack”(19 de maio)

“PM acusado de abusar da filha vai pro xadrez”(19 de maio)

“Assassino de menino no urubu se entrega”(19 de maio)

Nota-se em alguns exemplos acima a presença de adjetivos como “maluco”, “louco”, “monstro”, “boba”, “barriguda” e até um substantivo, “crueldade”, qualificando ações e personagens, o que é uma praxe nos títulos de *fait-divers*, como já visto nos exemplos das publicações passadas. Os personagens e acontecimentos são permanentemente enquadrados em categorias estereotipadas, que não variam muito. Nota-se aqui, novamente, como o discurso do *fait-divers* é baseado numa visão preconceituosa da sociedade, calcada em estereótipos. O último adjetivo citado, presente no subtítulo da manchete de 10 de maio, tem claramente uma conotação pejorativa, até porque o título já faz referência à gravidez da mulher. Este adjetivo introduz uma outra característica das manchetes do *Meia-Hora*, que é a presença de um humor “escrachado”, se valendo também da utilização de uma linguagem extremamente popular, até vulgar como no exemplo citado. Figueiredo, numa análise sobre os novos jornais populares, atesta esta característica dos títulos do *Meia-Hora* em oposição aos textos da matéria: “a linguagem das reportagens é bastante coloquial, mas não se utilizam ironias e gírias nos textos, em contraposição à abundante utilização delas nos títulos das matérias e, em especial, nas manchetes do jornal”⁵⁶. A seguir, outros exemplos em que esta veia cômica da publicação está presente:

“Vovozona vai ter filho com netinho”(1º de maio); “Ela tem 72 anos, e o moleque tem 26”(antetítulo); “Dessa vez não deu para o lobo mau”(em destaque)

“Ciumento mandou bala na mulher e atirou no próprio bilau”(10 de maio)

“Padre peladão dá cantada em policial”(17 de maio); “Motorista sem roupa e sem noção no meio da estrada”(antetítulo)

“Taradão ataca 4 em Copa e vai pra tranca”(17 de maio); “Vai dançar o rebolection na cadeia”(antetítulo)

“Polícia descabela o palhaço”(18 de maio); “Chega de gracinha!”(antetítulo)

⁵⁶ FIGUEIREDO, P., 2010, 10.

“Malandrinho finge ter sido seqüestrado e vai em cana”(18 de maio)

“Lutador furreca faz churrasco de traveco”(24 de maio); “Praticante de jiu-jitsu se embolou com homem na cama”(antetítulo); “Universitário levou a boneca para casa, no Jardim Botânico, e, após discutir a relação em alto e bom som, matou o travesti e tacou fogo no corpo da vítima”(subtítulo)

“Rapaz toma surra em vez de vodca”(24 de maio)

“Bandido bundão usava traseiro postiço”(26 de maio); “ ‘Agora ele é o Zé Bundinha’, decretou um agente da Civil ao prender o golpista Russinho, que vestia cueca com enchimento”(subtítulo)

“Não vai fugir, não, mane!”(26 de maio); “Mesmo algemado, ladrão eulouquecido desafia os policias: ‘Sou cracudo, e daí?’”(subtítulo)

“Ator de novela desce o braço na mulher”(27 de maio); “Foi parar no xilindró”(subtítulo)

“Trio mata sargento e acaba na horizontal”(27 de maio)

Estes títulos retiram dos acontecimentos sua carga de gravidade, revestindo-os de uma festiva comicidade. Eles não são nem melodramáticos, nem excessivamente crus, tampouco são inexpressivos, como alguns títulos encontrados em pequenas notas nos jornais analisados anteriormente. Ao contrário, as manchetes do *Meia-Hora* são vivas, e o elemento cômico é um importante componente deste aspecto. Cada acontecimento noticiado na manchete é extremamente valorizado pela linguagem empregada, que em alguns casos se caracteriza também por ser debochada.

Henrique Freitas, editor do *Meia-Hora*, em matéria publicada pela revista *Piauí* de janeiro de 2009, indica a inspiração para essa linguagem humorística: “Nossa influência vem do *Pasquim*, do *Planeta Diário* e do *Casseta Popular*”, afirma, referindo-se a jornais humorísticos da imprensa alternativa nas décadas de 60, 70 e 80⁵⁷. No entanto, estes jornais, tidos como referência para o humor do *Meia-Hora*, tinham um conteúdo político forte, num contexto de censura da imprensa imposta pelo governo. Seu próprio humor se nutria da censura. Já no *Meia-Hora*, o conteúdo político está ausente do jornal, restando apenas o humor despojado e debochado. Um exemplo deste humor é a repercussão da própria matéria da *Piauí*, publicação consumida por um leitor de nível cultural elevado, sobre o jornal. A capa da edição de 6 de janeiro de 2009 traz a seguinte manchete: “Revista de bacana baba o ovo do

⁵⁷ Disponível em:

http://www.revistapiaui.estadao.com.br/edicao_28/artigo_862/ acesso(5/11/2010)

meia”, com o subtítulo “Jornalista da Piauí visita a redação para contar aos leitores ricos e famosos como é feito o jornal que faz mais sucesso nas bancas do Rio”⁵⁸.

Entre as gírias utilizadas nos exemplos acima relatados notam-se algumas que soam ultrapassadas como “boneca”, “furreca”, “bundão”, “xilindró”, conferindo ao jornal em questão uma estética retrô em sua linguagem. O uso dessas gírias e de expressões também antigas como “acaba na horizontal”, “vai em cana”, “vai pra tranca”, comuns no jargão policial e também presentes em jornais como *O Dia* e *Luta Democrática* na década de 70, indica outra fonte onde bebeu o *Meia-Hora*. No entanto, Figueiredo, em trabalho sobre a prestação de serviços no *Meia-Hora* e *Expresso*, ressalta que esses novos jornais são ainda mais populares que os antigos, contendo capas “muito características e estereotipadas, pois apresentam, de uma maneira geral, manchetes fortes com uso de gírias, trocadilhos e jargões popularescos”⁵⁹. Desta forma, o *fait-divers* deve a esses jornais não apenas sua sobrevivência, como também uma evidência talvez inédita em publicações impressas.

A personalização dos “foras-da-lei”, já notada em *Última Hora* e *Diário Carioca*, também é encontrada aqui em exemplos como “Pitoco vai dar bitoca no capeta”, de 3 de maio; “Traficante que tentou dar ‘golpe de estado’ em Celsinho da Vila Vintém arma o circo na cadeia”, subtítulo da manchete principal de 18 de maio; e “Festão para aniversário de Nem inferniza a Rocinha”, de 25 de maio, que tem como antetítulo “Pancadão e pipoco pro alto a noite todinha”. No terceiro exemplo parece haver uma “glamourização” da vida do bandido. Aqui a notícia não é a sua prisão ou morte, nem a morte de alguém por ele, mas o aspecto sensacional do seu aniversário, o “festão” com “pancadão e pipoco pro alto”. Nem é uma celebridade em *Meia-Hora*.

As “verdadeiras” celebridades têm os acontecimentos das suas vidas contados no jornal. Juntamente com as notícias relacionadas ao futebol e as que tratam de algum tipo de violência, as que retratam a vida dos famosos formam o grupo de principais assuntos abordados pela publicação. Elas são também enquadradas nos *faits-divers* por representarem episódios diversos e sem importância do ponto de vista daquilo que a imprensa de referência considera interesse público. Aqui se identifica claramente a função de entretenimento que a imprensa popular se atribui. Esta função também pode ser notada nos próprios títulos que tratam da violência utilizando o humor, assim como no tratamento melodramático dos jornais antigos, que remetem mais claramente ao folhetim, e nos títulos frios das pequenas notas dos mesmos jornais, como se estas fizessem parte de uma exposição de variedades. Mas é na

⁵⁸ Disponível em:

http://www.meiahora.terra.com.br/fixosprimeira_meiahora/012009/pdf/capa0601.pdf acesso(7/11/2010)

⁵⁹ FIGUEIREDO, P., 2010, 2.

exposição da vida das celebridades que o jornal assume o papel de ganhar o leitor mais pelo entretenimento do que pela relevância da informação. Amaral aborda este aspecto:

Além da linguagem, os jornais acabam também se adequando aos conteúdos mais sedutores para um público popular. Se na imprensa de referência o jornalismo é sobretudo um modo de conhecimento, no seguimento popular ele ocupa também a função de entretenimento.⁶⁰

Abaixo, exemplos de títulos relacionados as celebridades:

“Tarado dá espiadinha na ex-bbb Morango no banheiro”(6 de maio)

“Hebe Camargo emociona os devotos em missa no Rio”(9 de maio)

“Ronaldo dá pra trás”(11 de maio); “Atacante cospe no prato que comeu e se arrepende de declarar amor pelo mengão”(subtítulo)

“Força na ‘peguga’ Dicésar”(11 de maio); “Drag Queen do ‘BBB 10’ põe aplique no cabelo e aparece como maior topetão. Será que o Dourado gostou?”(subtítulo)

“Espírito do pai de Fábio Jr ilumina a carreira do neto Fiuk”(16 de maio); “Médium diz ter recebido carta do além com a informação”(antetítulo)

“Gretchen é mãe pela 6ª vez: Rainha do bumbum adota um bebezinho”(18 de maio)

“Divórcio de Sthefany Brito e Alexandre Pato está suspenso”(22 de maio)

O exemplo do dia 16 de maio é mais um caso de “ambivalência de voz”. O título é uma afirmação do jornal que apresenta o fato sobrenatural como certeza. Contrastando com essa certeza, o subtítulo, em corpo bem pequeno, informa que um médium disse ter recebido essa informação. O jornal aqui toma a palavra do médium para dar mais impacto a notícia. Na verdade, o jornal nem intenta criar essa ambiguidade no título, busca mesmo que a informação seja tida, a primeira vista, como uma descoberta dele. Alguns desses títulos contêm trocadilhos e referências as características dos personagens em questão, passando uma sensação de atualidade que contrasta com as gírias e expressões “retrôs” presentes no noticiário policial.

É possível concluir dos títulos dos *faits-divers* no *Meia-Hora* que, ainda que a história deste gênero de notícias fique de certo modo afastada da concepção de objetividade introduzida na imprensa brasileira na década de 50, eles não ficaram alheios as

⁶⁰ AMARAL, M. F., 2006, 58.

transformações trazidas por ela, já que estes exemplos são objetivos no sentido de irem direto ao fato mais relevante do ponto de vista do sensacionalismo, passando também uma sensação de atualidade. Além disso, como já dito, os textos dos *faits-divers* no *Meia-Hora* são relatos objetivos que seguem a estrutura do *lead*. Por outro lado, em alguns títulos, sobretudo os mais irreverentes, não se nota um vínculo óbvio com o *lead*, característica esta prezada na concepção de jornalismo “moderno”.

6- Conclusão

Mais relevante que chegar a qualquer grande conclusão é ressaltar que este trabalho teve como objetivo principal apresentar características marcantes e peculiares dos títulos e manchetes nos jornais pesquisados. Desta forma, ele pode ser visto como um grande painel em que se dispõem as diversas maneiras dos jornais expressarem seus títulos em diferentes épocas. Evidentemente, esses modos de expressão são parte de um processo histórico, sendo possível relacioná-los e disso tirarmos algumas conclusões, como foi feito no decorrer do trabalho.

A grande relação que deve ser destacada nesta conclusão tem como eixo as mudanças introduzidas no jornalismo brasileiro na década de 50, baseadas no paradigma da objetividade importado do jornalismo americano. Neste contexto, o capítulo 2 é paradigmático, pois

mostra o conceito de título estabelecido a partir dessa nova visão do jornalismo, em que, podemos afirmar resumidamente, são atribuídas a ele as funções de anunciar e resumir a matéria de forma clara e objetiva. Sobre as funções do título, não foram encontradas referências anteriores a década de 50, donde depreende-se que estas só foram conceituadas e sistematizadas a partir desse “novo” jornalismo.

Observando-se os títulos dos jornais das décadas de 20 e 50, realmente nota-se uma diferença significativa na forma de expressão entre os jornais das duas épocas. De modo geral, nos jornais dos anos 20 percebe-se nitidamente o conteúdo subjetivo, aliado a presença constante de considerações, classificações e julgamentos sobre os fatos noticiados, invariavelmente manifestados em títulos grandes. Inúmeras outras peculiaridades foram destacadas, diferenciando completamente os dois jornais analisados nos anos 20, mas é importante destacar aqui as grandes diferenças baseadas nesse eixo temporal que moldou a pesquisa.

Contrastando com a forma claramente subjetiva dos jornais dos anos 20, vemos nos anos 50, títulos realmente mais objetivos e sintéticos. Se os textos tornam-se mais objetivos, essa mudança também se verifica nos títulos. Essa objetividade não significa necessariamente que eles estão mais informativos. Como visto, muitos títulos deixam lacunas do ponto de vista da informação mais relevante ou pecam por falta de contextualização do fato. Também não se exclui a subjetividade e parcialidade das publicações; apenas se manifestam mais discretamente, sobretudo no *Diário Carioca*. Como já dito no trabalho, as mudanças foram eminentemente técnicas, no sentido de tornar o relato mais objetivo, o que acaba por dar a impressão de que este é imparcial, impressão essa que muitas vezes não passa de mera ilusão. No entanto, em alguns títulos do *Diário Carioca* e em muitos da *Última Hora* parece não haver nem a intenção de se apresentarem como imparciais. Nesta pesquisa pode-se claramente enxergar a diferença entre objetividade e imparcialidade, e concluir que as inovações no jornalismo dos anos 50 estão ligadas apenas a primeira característica, sendo a segunda meramente um mito, que, aliás, persiste nos dias atuais. Evidentemente, aqui há grandes diferenças entre os dois jornais pesquisados, estando a *Última Hora* sob certo aspecto mais próximo do estilo de *Crítica* do que do *Diário Carioca*. O que se recorta aqui é um eixo temporal a partir do qual se estrutura o trabalho, estando estas considerações finais relacionadas à divisão antes/depois da reforma dos anos 50. No entanto, mais uma vez deve-se ressaltar que o grande valor do trabalho é a identificação das particularidades de cada jornal.

O trabalho reserva uma análise especial sobre os títulos de *fait-divers*, gênero que aparece consistentemente nos cinco jornais analisados. Concluiu-se que os títulos deste gênero conservaram, da década de 20 a década de 50, uma forma de expressão que desconsidera a objetividade. Não há em geral, nesses títulos, intenção de escancarar o acontecimento. Neles é mostrada apenas uma fresta do fato. Parece haver a certeza de que se lerá o texto, onde, aí sim, invariavelmente são revelados os detalhes dos acontecimentos. Dessa forma, observou-se que os títulos deste gênero ficaram alheios às mudanças ocorridas com a introdução do paradigma da objetividade nos anos 50.

A análise dos títulos dos *faits-divers* do *Meia-Hora* em 2010 mostrou que essa peculiaridade não resistiu ao tempo. Notou-se neste jornal relatos bem mais objetivos e expressivos, embora continuem ressaltando aspectos peculiares e circunstanciais dos fatos. Aqui, na verdade, ocorre o inverso do que se dava nos jornais antigos; é nas manchetes que o leitor deve se furtar, pois os textos são relatos meramente objetivos e nada sensacionalistas. A esta forma de expressão dos títulos do *Meia-Hora* cabe um estudo sobre sua origem. Sabemos que jornais como *Pasquim*, *Planeta Diário* e *Casseta Popular* foram inspiração para esse novo jornalismo popular e irreverente, mas é preciso também pesquisar suas raízes na imprensa eminentemente popular, uma vez que os títulos do *Meia-Hora* diferem substancialmente dos encontrados nos jornais pesquisados nesse trabalho. Na verdade, é necessário um trabalho que analise especificamente as transformações dos *faits-divers* até se chegar a este estilo do *Meia-Hora*.

Trazer à tona os modos de expressão dos títulos de jornais dos anos 20 e 50 implicou, muitas vezes, em expor através da análise de certas características, um estranhamento natural. Não há como negar que na escolha das características destacadas, influi a experiência que temos de como comumente se expressa um título nos dias de hoje, de modo que, quanto maior a diferença em relação aos títulos atuais, maior o estranhamento e maior a possibilidade de uma característica ser analisada. Desta forma, deve se admitir que este é um trabalho que também carrega certa subjetividade, assim como parcialidade, já que o autor adota talvez subconscientemente um modelo de título como referência. Ele pode ser resumidamente entendido como a expressão do estranhamento de alguém no século XXI com as formas de expressão da imprensa em boa parte do século XX. Acima de tudo, lembrando Drummond, o trabalho expressa um certo modo de ver do autor, que talvez morra nele, persistindo, entretanto, além.

7- Referências Bibliográficas

AMARAL, Luiz. *Jornalismo Matéria de 1ª página*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

_____, Luiz. *Técnica de Jornal e Periódico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo Popular*. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

BAHIA, Juarez. *Jornal: História e Técnica*. Serviço de Documentação: Ministério da Educação, 1974.

BURNETT, Lago. *A Língua Envergonhada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

CAMPOS, Anderson(Coordenação Editorial). *Nos tempos de Wainer: A Última Hora de Samuel*. Rio de Janeiro: ABI/Copim Edições, 1993.

CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COMASSETTO, Leandro Ramirez. *As razões do título e do lead- Uma abordagem da estrutura da notícia*. Dissertação de Mestrado. LAGE, Nilson(orientador). Concórdia: UNC-Campus Concórdia, 2001.

COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DINES, Alberto. *O Papel do Jornal*. Petrópolis: Vozes, 1974.

DOUGLAS, Joaquim. *Jornalismo: a técnica do título*. São Paulo: Livraria Agir Editora, 1966.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora UNB, 2001.

FIGUEIREDO, Pedro de. “Os Novos Jornais Populares: Análise de uma Tendência”. In: XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste(INTERCOM-Sudeste). Vitória, 2010.

_____, Pedro de. “Prestação de Serviços nos Novos Jornais Populares: um estudo de caso do ‘Meia-Hora’”. In: XXXIII Congresso de Ciências da Comunicação(INTERCOM). Caxias do Sul, 2010.

LAGE, Nilson. *Ideologia e Técnica da Notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979.

MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MOUILLAUD, Maurice. “O título e os títulos”. In: PORTO, Sérgio Dayrell(org.). *O Jornal: Da forma ao sentido*. Brasília: Editora UNB, 2002. p. 99-116.

PEDROSO, Rosa Nívea. *A Produção do Discurso de Informação num Jornal Sensacionalista*. Dissertação de Mestrado em Comunicação. SODRÉ, Muniz(orientador). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1983.

PINTO, Milton José. *Comunicação e Discurso*. São Paulo: Hacker, 2002.

SIQUEIRA, Carla. “A novidade que faltava: Sensacionalismo e retórica política nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática no segundo governo Vargas(1951-1954)”. In: Revista ECO-PÓS. Rio de Janeiro, agosto-dezembro 2005.

SODRÉ, Muniz. *A Comunicação do grotesco*. Petrópolis: Vozes, 1980.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Websites

REVISTA PIAUÍ

http://www.revistapiaui.estadao.com.br/edicao_28/artigo_862/

JORNAL MEIA-HORA

http://www.meiahora.terra.com.br/fixosprimeira_meiahora/012009/pdf/capa0601.pdf

Matéria publicada

REVISTA DE COMUNICAÇÃO. 1988. p. 24-29.